

---

**tempo especial**

**cinco  
dias no  
Zimbabwe**

*Bound into issue n.º 516  
31 August 1980*

---

**VISITA DO  
PRESIDENTE DO PARTIDO FRELIMO  
E PRESIDENTE DA  
REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE  
SAMORA MOISÉS MACHEL  
À  
REPÚBLICA DO ZIMBABWE.  
4 A 8 DE AGOSTO DE 1980.**

---

**FIZERAM ESTE NÚMERO**

**Textos de:**

- Leite Vasconcelos** — Editorial: Mensagem de unidade • A história também se liberta  
**Alves Gomes** — O potencial económico do Zimbabwe • Entrevista com Robert Mugabe  
• As raízes da unidade  
**Carlos Cardoso** — Dedicatória • A conquista das ruas • «Welcome home President Machel» • Zengeze... e outras pequenas histórias • Sangue vermelho, leite branco • Bulawayo, dia 6 • O petromilho • Como os outros viram a visita • Interessante

**Fotos de:** Ricardo Rangel, Daniel Maquinasse e Moira Forjaz

**Maquetização de:** José Freire e Eugénio Aldasse

**Revisão:** Guilherme Morbey, Getúlio Tembe

**Colaboração de:** Kok Nam e Fátima Albuquerque

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA «TEMPOGRAFICA»

---



# dedicatória

Na Robinson House, onde a maior parte dos correspondentes estrangeiros tem os seus escritórios, a recente chegada de Samora Machel a Salisbúria era o tema do dia. Procurava-se o assunto de fundo, o «lead» apropriado, o título que faz a leitura.

«Qual é a diferença entre esta visita e a ida de Helmut Schmidt a Washington?» Conheço bem a jornalista que fez a pergunta. Tem ela, do jornalismo, a concepção de que o importante é explicar o porquê das coisas e não apenas descrevê-las. E ela mesmo respondeu: «É que Samora Machel vem aqui como amigo e não somente como Chefe de Estado. Para Carter, Helmut Schmidt é quanto muito um aliado no quadro pessoal das estratégias». E acrescentou: «Entre aliados que também são amigos existe paixão. O importante desta visita é conseguir apreender o processo dessa paixão».

Duas noites depois, num banquete oferecido por Robert Mugabe no Hotel Embaixador, o Primeiro-Ministro zimbabweano falou de Samora Machel como um camarada, como um amigo «com quem compartilhou os seus mais profundos segredos»:

Essa intimidade não caiu do céu, não é o momento fortuíto de duas pessoas que se encontram na semelhança desta ou daquela faceta. Não. Por detrás dela está a frente nordeste de 1972, estão, depois, as frentes leste e sudeste, estão Nyazónia, Chimoio e Tembwe, o fecho das fronteiras, Aldeia da Barragem e Chicualacuala, Chioco e Chicumbidzi, o soldado-guerrilheiro das ZANLA e o soldado das FPLM, o refugiado oxigenado pelo magro pão de um povo recém-independente e o miliciano que não abandonou Mapai, estão, enfim, todas as gotas de sangue que provocaram Genebra e forçaram Lancaster House. Por detrás dessa intimidade está a História dos que viveram morrendo juntos na vitória que juntos teceram.

Não é por acaso que o presidente Samora Machel, em Salisbúria e Bulawayo, falou com o mesmo à vontade com que falaria na Machava. A autoridade moral para o fazer foi conquistada centímetro a centímetro no anonimato de milhões em luta, na luta das FPLM dentro do Zimbabwe, no respeito consequente pela não-ingerência nos assuntos internos da ZANU, no (tão difícil) apelo constante à unidade das forças patrióticas para além de amizades pessoais e semelhanças ideológicas.

Recordar isto, é preciso, para reafirmar que é preciso ter consciência das raízes que sustentam a árvore das grandes paixões, expressão quotidiana das grandes vitórias.

Por esta vitória, pelo esforço desta vitória, pela vitória desse lúcido esforço, aqui ficam dedicadas as sessenta e quatro páginas desta reportagem.







***Esta imagem é uma conquista de dois Povos***



---

# editorial

---

## MENSAGEM DE UNIDADE

**«Não há shonas.  
Não há ndebeles.  
Não há rozwis.  
Não há pretos.  
Não há brancos.  
No Zimbabwe há zimbabweanos».**

**Foi esta a mensagem principal do nosso Povo que o Presidente Samora Machel levou ao Zimbabwe.**

**A um país ontem retalhado pelas esquadrias irracionais do racismo, a um país cuja inevitável independência forças retrógradas pretendem ainda canalizar para a divisão, o Presidente Samora Machel levou, com a sua franqueza, com a sua coragem, com a sua autoridade política, a mensagem da unidade.**

**A mensagem da unidade que tem na luta armada de libertação nacional os seus alicerces mais fundos porque foi a luta para libertar todos os zimbabweanos. Da unidade que deve ter no objectivo comum de construir o futuro próspero e justo do Povo o seu programa fundamental. Da unidade que deve ter na acção comum de todos os zimbabweanos o seu alimento permanente.**

**O que pode dividir aqueles que travaram a mesma luta contra o mesmo inimigo? Não é possível aceitar que a liberdade divida aqueles que a opressão sofrida permitiu unir.**

**«Em África os partidos são para servir o Povo não são para servir grupos, não são para servir interesses pessoais», disse o Presidente Samora Machel no comício popular de Bulawayo, unindo nas suas as mãos de Robert Mugabe e Joshua Nkomo, frente a uma multidão que aplaudia este gesto simbólico.**

**O tribalismo, o grupismo partidarista, a ambição do poder são instrumentos em que vão assentar agora as manobras do inimigo, incapaz de ter impedido a independência.**



**Desmantelado o sistema da divisão racial, o que pode impedir agora que os cidadãos da mesma pátria se sintam e comportem como cidadãos da mesma pátria?**

**Não podem caber neste país liberto fronteiras que demarcariam o espaço de actuação do inimigo no Zimbabwe. Dentro de um país independente é na divisão que o imperialismo encontra o espaço de sobrevivência da sua dominação.**

**Foi esta a mensagem essencial do Presidente Samora Machel ao Zimbabwe. Mensagem em que vive e se exprime a experiência do Povo moçambicano.**

**A unidade é a força principal dos povos.**







# dia da chegada



## a conquista das ruas

O dia 4 de Agosto de 1980 é uma data histórica para o Zimbábue não só porque foi nesse dia que se iniciou a visita do presidente Samora Machel; tentarei explicar.

As ruas de uma cidade são sempre elementos sociológicos importantes. Durante anos Salisbúria teve um cenário monotonamente minoritário. A única exuberância socialmente aceite era a bebedeira ruidosa do grupo de soldados rodésianos que voltava de mais uma campanha «antiterrorista». As ruas de Salisbúria reflectiam o país falso, a Rodésia, existindo como ilha no centro de um «oceano» chamado Zimbábue que começava ali mesmo nos subúrbios. O Povo que trabalhava na cidade não po-

dia fazer das suas ruas palco do seu canto, da sua dança.

A primeira vez que isso aconteceu foi no dia da vitória eleitoral da ZANU-FP a 4 de Março deste ano. Na manhã desse dia houve festa nas ruas circunvizinhas da sede da ZANU-FP. A cena repetiu-se na noite da Independência, a 17 de Abril, quando a partir das 20 horas centenas de pessoas do mundo suburbano irromperam pelas avenidas da capital com bandeiras e canções de «chimurenga» nos lábios. Ainda assim, havia um certo constrangimento; o pessoal dançava; sim, o pessoal cantava, sim, mas o território da sua conquista tinha ainda o sabor de alguma coisa distante.

As ruas de Salisbúria, a rodésiana, ganharam dimensão zimba-

bweana, realmente, indiscutivelmente, nessa manhã de 4 de Agosto. Desde a entrada da cidade, junto à auto-estrada para o aeroporto, até à residência presidencial de Canaan Banana, as ruas estavam repletas de gente de todas as cores. Eram milhares e milhares e milhares, numa manifestação contínua, ombro com ombro, voz com voz, sem os espaços constrangedores entre os que apenas olham.

No centro da cidade o Presidente Samora Machel cortou uma fita branca abrindo assim oficialmente a Samora Machel Avenue. Mas fê-lo com dificuldade; de todos os lados desaguava gente para ver de perto o Chefe de Estado moçambicano, para lhe tocar.

Naquelas ruas cantar já não é proibido.







# uma bandeira os





A black and white photograph showing a massive crowd of people, likely at a sporting event or a large gathering. The people are seated on the ground, filling a large open space. The image is grainy and has a high-contrast, almost solarized appearance. The text 'para todos zimbabweanos' is overlaid in large, bold, white letters with a black outline.

# para todos zimbabweanos





**Quinta-feira, dia 7,  
Salisbúria.  
O estádio de Rufaro  
estava cheio; as duas  
bancadas de  
cimento – a  
lateral e a central – e  
duas extensões de terra  
relvada a subir como  
rampas. Tudo cheio a  
partir das primeiras  
horas da manhã apesar  
de ser dia de semana.  
Ao todo cerca de 50  
mil pessoas dentro do  
estádio, sentadas, em pé,  
empoleiradas nos postes  
de iluminação e nas  
estruturas de ferro  
dos grandes anúncios  
publicitários cobertos  
pelo significado maior  
das bandeiras  
nacionais de Moçambique  
e do Zimbabwe.  
Lá fora mais 50  
mil que não  
conseguiram entrar  
apesar de oito vezes  
terem derrubado um  
dos portões de acesso  
ao estádio.  
E ainda muitos  
machimbombos  
a chegarem do interior.**

Hoje, nós em Moçambique celebramos a independência. Dizemos Povo do Zimbabwe, estamos independentes. Moçambique não estava independente porque o Zimbabwe continuava dominado. O nosso Estado não era um Estado sólido, era um Estado ameaçado. Era um estado agredido. Estava na ponta de mira do imperialismo que pretendia destruir a RPM. Todas as suas armas estavam viradas contra a RPM, contra o Povo de Moçambique, estavam viradas para impedir a consolidação da nossa independência. Agora dizemos: obrigado Povo do Zimbabwe que consentiu sacrifícios para que Moçambique fosse livre. Hoje estamos independentes, somos livres, somos um estado sólido somos um estado estável, desenvolvemos livremente a democracia popular. O nosso Povo hoje de dia e de noite circula, canta e dança porque o Povo do Zimbabwe está independente, porque o Zimbabwe está livre. Obrigado Zimbabwe.

Nós não dávamos ajuda ao Zimbabwe, não dávamos assistência ao Zimbabwe. Era a nossa própria libertação. Libertámo-nos. Libertámo-nos da opressão, libertámo-nos da discriminação racial, libertámo-nos da humilhação e desenvolvemos livremente a nossa cultura, a nossa economia, a nossa unidade. Isso não era possível enquanto uma parte do nosso Povo continuasse oprimida e essa parte era o Zimbabwe.

Hoje, é bonito falarmos disto: Vemos os lenços belos, as caras nutridas, vemos a libertação da nossa cultura, da nossa música, da nossa canção. Hoje é bonito. Bonito porque alguns de nós tiveram que aceitar a morte para libertar a maioria. Toda esta alegria é o resultado do sacrifício, é o resultado do derramamento de sangue durante séculos. É o resultado da vitória contra a humilhação, contra o colonialismo, primeiro. É o resultado da resistência do Povo do Zimbabwe; resultado da determinação do Povo do Zimbabwe; resultado da coragem do Povo do Zimbabwe, resultado do heroísmo do Povo do Zimbabwe que soube combinar a inteligência com a força. A inteligência combina com a força transformou-se numa força imensa, transformou-se em material vivo para destruir o inimigo. O primeiro inimigo do Povo do Zimbabwe foi o colonialismo britânico, não é novo isto que estou a dizer. O colonialismo britânico era uma forma clássica de colonialismo, chamado o «colonialismo clássico»: ocupação de um território por estrangeiros. Ocupação física do País, com o seu exército, com a sua polícia, com as suas leis, com a sua cultura, com a sua economia, com a sua educação com a sua civilização, tudo estrangeiro, para oprimir o nacional.

Foi assim o colonialismo britânico no Zimbabwe. Para isso teve de matar Monomotapa, Lubengula, Rozwi,



Nehanda para poder ficar aqui. E para se instalar teve de praticar crimes. Matou.

O colonialismo alimenta-se de sangue, de vidas, e depois explora as nossas riquezas para desenvolverem o seu País e desenvolve no nosso País a ignorância, o analfabetismo, a doença crónica; tudo isto é organizado pelo colonialismo. É assim que foi no Zimbabwe. Quando vamos à Inglaterra, encontramos tudo organizado; ouro, crómio, saíram do Zimbabwe. Importam, mas dizem a nós que somos pobres.

Depois, afastou-se o colonialismo britânico; deu lugar a um regime nacional, também regime sanguinário, regime fascista, regime altamente racista, regime ilegal, regime minoritário, regime para oprimir a maioria. Todos conhecemos. Não é novo também para o Povo do Zimbabwe. Mas é bom recapitularmos estas páginas tristes da história.

O colonialismo britânico alimentou-se do sangue dos filhos do Zimbabwe, a luta que nós fazemos é a continuação da luta feita por Lubengula, Rozwi, Nehanda e outros. Esta luta que Mugabe dirigiu é a continuação da mesma luta. Na altura fomos vencidos porque lutávamos com azagaias e flechas contra espingardas e canhões. Mas, mesmo assim, resistimos. E este regime ilegal sobreviveu algumas dezenas de anos à custa de sangue, oprimindo a maioria toda que aqui está. Mais de 7 000 000 oprimidos por uma pequena minoria que se apoderou do poder político e do poder económico, que se apoderou dos instrumentos do colonialismo britânico, que são o exército a polícia, e então instalou-se durante uma dezena de anos. Matando zimbabweanos, enforcando crianças, enforcando mulheres, enforcando velhos, enforcando nacionalistas e assim conseguiu viver o regime.

E quando sentimos que estávamos acabando, dissemos: não há piolho estrangeiro e piolho nacional. Piolho é piolho, alimenta-se de sangue. É assim que organizámos a luta armada no Zimbabwe para impor a justiça. A justiça que impôs a luta de libertação nacional, não é justiça negra. A justiça era contra as forças retrógradas, as forças que são contra a paz, contra o progresso.



**«Obrigado Povo do Zimbabwe»**



**«A luta do Zimbabwe...  
era para criar a cultura  
do Zimbabwe, a  
cultura nacional.  
Como vimos aqui  
hoje, os brancos  
vieram tocar  
instrumentos africanos.  
É esta a civilização  
que queremos  
criar»**

A luta do Zimbabwe não era para substituir a injustiça racista branca pela injustiça racista negra, não era para substituir a injustiça europeia pela injustiça africana, não era para trocar a injustiça rodesiana por uma injustiça zimbabweana, era para estabelecer a justiça. É por isso que queremos hoje agradecer a todos os que apoiaram a guerra do Zimbabwe, que não foi apoiada só por pretos. O continente europeu apoiou a guerra do Zimbabwe, em primeiro lugar os países socialistas, em segundo lugar as forças progressistas, e democráticas de toda a Europa incluindo as dos países onde a democracia não existe. A guerra do Zimbabwe foi apoiada pelo continente asiático. Os amantes da paz, amantes do progresso, amantes da justiça, apoiaram a guerra do Zimbabwe. O continente Latino Americano, apoiou a guerra do Zimbabwe porque a nossa guerra era uma guerra justa contra a dominação opressiva, racista e sanguinária.

Era para estabelecer a sociedade nova, a igualdade entre os homens. Era para criar a cultura não de minorias, mas a cultura Zimbabweana, cultura nacional. Como vimos aqui hoje, os brancos vieram tocar instrumentos africanos. É esta a civilização que nós queremos criar, é esta a civilização do Povo do Zimbabwe.

A cultura nacional é de todos os zimbabweanos, uma cultura inspirada no sofrimento do Povo. Uma cultura inspirada no dia a dia. Quando produzimos na fábrica, quando produzimos na machamba, quando produzimos o nosso tractor, o nosso camião, inspiramo-nos aí na nossa cultura. É esta a civilização do Zimbabwe.

A luta no Zimbabwe era para dar dignidade ao homem zimbabweano, era para criar o orgulho do zimbabweano. Havia duas nações num só País; havia a Rodésia e o Zimbabwe. Rodésia para os brancos, Zimbabwe para os pretos. Hoje nasceu um Zimbabwe único. Zimbabwe para brancos, indianos, mulatos, para pretos. Já não há pretos, não há brancos, nem indianos, nem mulatos, mas há Zimbabweanos. E a bandeira do Zimbabwe cobre todo o zimbabweano, quer seja branco, indiano, mulato, seja quem for, a bandeira é a mesma. E por isso é o nosso orgulho, o símbolo da nossa vitória, o símbolo do nosso heroísmo, o símbolo da nossa coragem. O símbolo da nossa determinação, o símbolo de unidade de todos os zimbabweanos, símbolo do orgulho independentemente da ideologia.

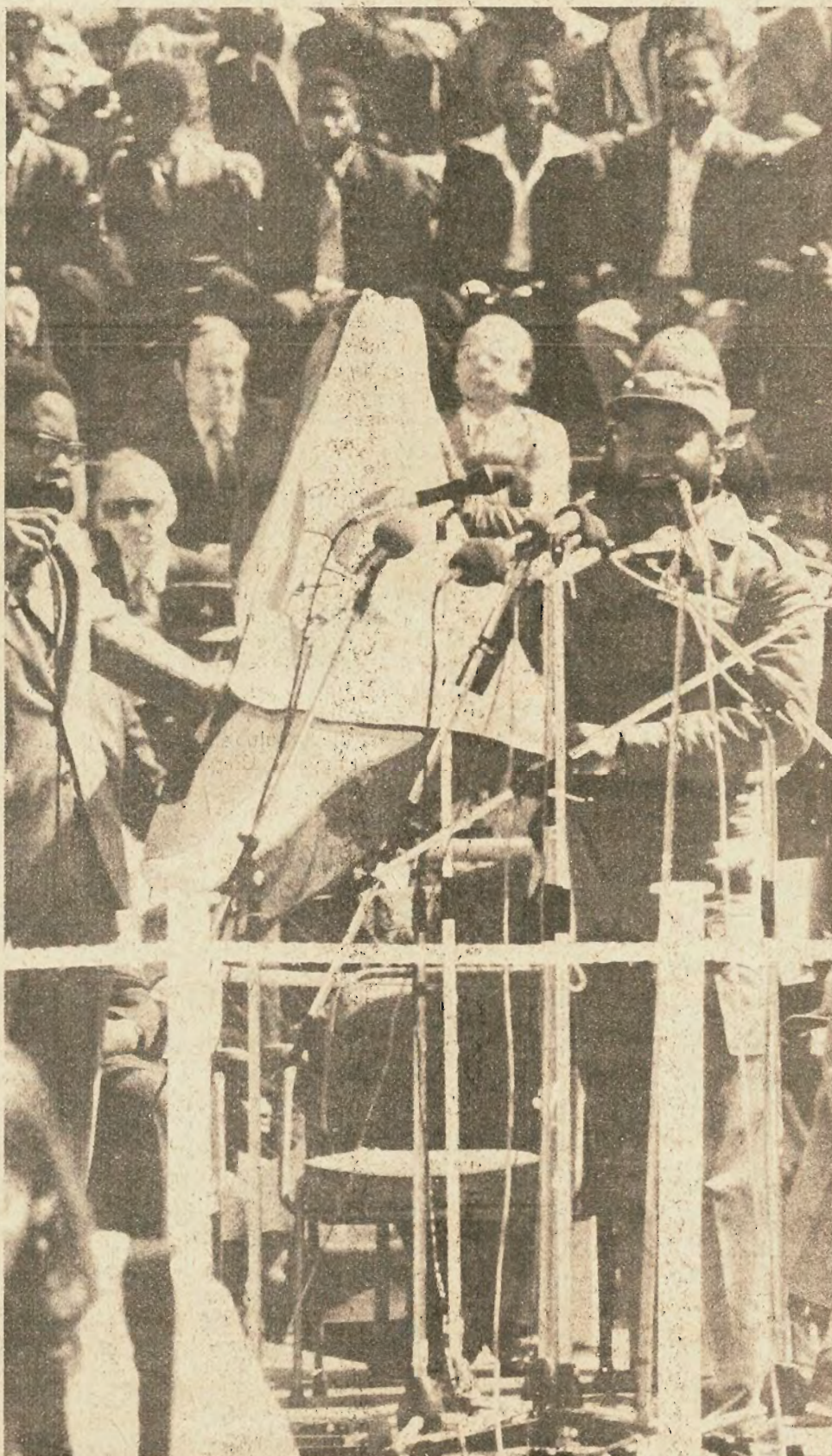




E esta bandeira é o resultado do sangue, é o resultado da resistência heróica. Tem o sangue do nosso amigo Leopold Takawira, tem o sangue do nosso amigo Herbert Chitepo, do nosso amigo Jason Moyo, de Alfred Mangweni, o sangue do nosso grande herói Josiah Tongogara. Perante esta bandeira não há ndebeles, não há shonas, não há Manyas, não há ro-zwis, só, há zimbabweanos.

Obrigado Povo do Zimbabwe! Morreram na Zâmbia. Foram massacrados, resistiram. Foram mortos em Botswana, resistiram. Foram mortos em Angola, resistiram. Foram mortos na Tanzânia, resistiram. Foram mortos em Nyazônia, Nhangau, Chimoio, resistiram. Morreram em vários pontos de Moçambique, resistiram. Foram mortos aqui, enterrados vivos, resistiram. Queriam a independência, a liberdade.

E, hoje, ao libertaram-se, libertaram também os opressores. Libertaram os racistas. O racismo não tem lugar no Zimbabwe. Ao libertarem-se, liquidaram os complexos de inferioridade e os complexos de superioridade em relação a outros. A luta armada foi a forma mais alta, do acto cultural que era o combate pela libertação. Nós visitámos Fort Victoria, Buffalo Range, Bulawayo. Em cada lugar encontramos uma gota de suor de cada zimbabweano para ser independente, para ser igual a todos os homens, para se transformar num ser humano. Mas, ao mesmo tempo, em cada passo que nós pisámos encontramos um acto de libertação. Ao libertarem a terra libertaram também os homens. É inseparável este acto eminentemente cultural. É a luta armada. Eu não estou aqui a explicar que vocês são assassinos. Eu vim para dizer a verdade. A verdade dói. A verdade castiga, a verdade fustiga, mas ela é a verdade. E como é verdade, contém a pureza, não tem intenções. Agora, a mentira, tem pernas curtas porque sempre serve de engano. A verdade tem que ser dita para podermos fazer a história. Se não, vamos dizer aqui olhem, já somos todos iguais, enquanto há aqueles que não se libertaram do seu racismo, quando alguns não se libertaram do seu tribalismo.



**«Esta bandeira cobre todos os zimbabweanos»**



Tribalismo é a forma mais atrasada dos homens. O tribalista é um homem primitivo. O tribalista é um homem ultrapassado pela evolução, pelo desenvolvimento, pelo progresso é, enfim, um homem de visão curta. É um homem altamente egoísta, altamente ambicioso, quer tudo para ele e nada para os outros e não pode servir o Povo.

É preciso liquidar o regionalismo, liquidar o divisionismo para construirmos um Zimbabwe forte, um Zimbabwe unido e pacífico, um Zimbabwe democrático. Mas é preciso liquidar.



De Norte a Sul, do Este ao Oeste, o Zimbabwe desfilava em grupos culturais enchendo Rufaro de canto e dança. No centro do campo de jogos cerca de duas centenas de homens, mulheres e jovens, divididos em grupos e vestidos a cores diferentes, desenhavam as palavras «WELCOME SAMORA MACHEL».

Eram 10.30 quando uma ensurdecadora ovação irrompeu por todo o lado. O cortejo presidencial acabava de entrar no estádio. E o barulho da multidão aumentou quando Samora Machel, na sua farda verde, deixou o carro e subiu à tribuna de honra, uma plataforma relativamente baixa assente no relvado junto à vedação da bancada central. Ao lado do Presidente moçambicano, Robert Mugabe acenava sorridente.

Durante uma hora foi tempo de suor e música. Um dos grupos, constituído inteiramente por mulheres de um coro religioso — os seus mantos brancos espelhando o sol — provocou fortes aplausos ao entoar uma canção que fazia a apologia de tudo que os regimes anteriores haviam tentado denegrir, desde o guerrilheiro ao Mujibá; prolongados aplausos também para um grupo de alunos brancos de uma escola secundária de Bulawayo que tocou timbilas — um ponto de referência interessante no caminho que o Zimbabwe inicia para a fusão de culturas originárias de vários continentes.

Depois vieram as prendas para o Presidente Samora e sua esposa, Graça Machel. Gente de todas as províncias do país enviou presentes suficientes para encher cinco Jeeps: galos, cabritos, cadeiras feitas a partir de patas de elefante, quadros, relevos a partir de chapas de cobre, azagaia, flechas, serviços de chá e café. A certa altura um camião, com um grupo de exuberantes em cima, meteu lentamente os ombros pela massa de gente que já enchia o campo e veio mostrar a sua oferta: um boi gigantesco que devia pesar mais de 700 quilos.

Já passava do meio-dia quando Robert Mugabe tomou a palavra seguido de Samora Machel.

O Presidente moçambicano iniciou o seu improviso repetindo várias vezes: «ABAIXO O COLONIALISMO», «ABAIXO O NEOCOLONIALISMO». E a multidão respondia: «ABASHA».

Traduzido para inglês por Fernando Honwana, seu assistente pessoal.



o Chefe de Estado moçambicano, tal como havia feito em Bulawayo no dia anterior, falcu essencialmente contra o tribalismo e o racismo, pela unidade nacional.

A determinada altura o Presidente Samora Machel disse: «Já não há Ndebeles». Um «AAAHHH» aprovador saiu daquelas 50 mil pessoas maioritariamente de origem Shona. Foi um «AAAHHH» de pouco fôlego porque logo a seguir o Presidente completou a ideia: «Já não há Shonas. Há zimbabweanos».

Um outro momento digno de registo, porque causador de muita especulação, aconteceu quando Joshua Nkomo abandonou a tribuna de honra, precisamente na altura em que o Presidente Samora começava a falar do tribalismo. Sem uma resposta adequada ao porquê desse gesto ficou a pairar a especulação até porque nessa noite Joshua Nkomo não compareceu numa recepção dada em honra do Presidente Samora Machel e no dia seguinte não estava no aeroporto para se despedir do Chefe de Estado moçambicano.

Quando o estádio voltou ao silêncio um cartaz solitário sintetizava o entusiasmo que ali se vivera e a imensa receptividade do Povo às palavras do Presidente moçambicano. Dizia o cartaz: «WELCOME HOME SAMORA MACHEL».



**Momento em que um camião entrava no estádio carregando um boi, uma das centenas de ofertas ao Presidente Samora Machel**

mos o tribalismo, para que possamos liquidar o racismo. A independência chegou meus irmãos.

Mas é o começo do trabalho, do trabalho de Reconstrução Nacional. A Reconstrução Nacional não será feita em dois anos, não será feita em cinco anos. A Reconstrução Nacional é permanente.

Eu ouvi dizer que no Zimbabwe há muitos quadros, por isso os zimbabweanos vão avançar muito depressa. Não tenham ilusões, meus irmãos.

Para que todos tenham escolas é preciso dinheiro, é preciso quadros.





## «O tribalista é um homem primitivo. O tribalista é

É preciso o engenheiro, o arquitecto, o desenhador, o electricista, o canalizador, (isto só para uma escola). Quantas escolas são necessárias no Zimbabwe?

Para que cada um tenha direito à saúde, que realmente tenha saúde, precisamos de muitos hospitais, os quais precisam de muitos médicos, muitos farmacêuticos, muitos analistas, de muitos enfermeiros, parteiras. Para que tenhamos a indústria pesada, necessitamos de engenheiros para construir mais barragens no Zimbabwe para produzirmos anualmente, não esperarmos pela chuva, necessitamos de construir a irrigação de todo o Zimbabwe. Para que todos tenham comida, tenham pão, batata, feijão, tomate, cebola e carne, necessitamos de tantas cabeças de gado, carneiros, ovelhas, galinhas. Para que todos tenham leite, manteiga, queijo, necessitamos mais uma vez da nossa inteligência. Para que cada criança tenha um litro de leite por dia, tenha um ovo por dia precisamos de fazer muito esforço. Para que todos tenham cobertores, tenham casas, necessitamos de trabalhar. Para que cada um tenha geleira necessitamos de tempo, meus irmãos. Por isso, não exijam neste momento. Primeiro, vamos trabalhar. O segredo está na nossa inteligência, nas nossas mãos. A nossa mão em volta do volante do tractor, a nossa mão em volta da picareta, os nossos dedos em volta do cabo da pá. É aí onde vamos produzir comida para todos, para que as nossas crianças cresçam fortes. Para que as nossas crianças cresçam e vivam necessitamos de tempo, meus irmãos. É por isso que Zimbabwe pegou em armas e lutou. Queríamos isto. O que acabamos de dizer aqui não é luxo. Mas os racistas diziam que não, isto não é para o preto. O

preto gosta de comer mandioca, basta comer farinha de milho, basta ter um cubículo para dormir, e ao lado os cabritos e porcos.

O Governo de Robert Mugabe, tem este programa de liquidar a fome, de liquidar a nudez, liquidar o desemprego, a doença, de vestir a todos e dar educação necessária a todos. Este é o programa do Governo de Robert Mugabe. Agora, eu queria apelar aos

zimbabwianos, para que tenham paciência.

Ouvi várias vezes lá de Maputo que os zimbabwianos já reclamam, querem dinheiro. Querem aumentos de salários, que há muitas greves. Isto significa, meus irmãos ajudar o vosso inimigo. para destruir o vosso governo.

Quando nós semeamos, quando plantamos uma mangueira, cuidamos







**um homem ultrapassado pela evolução, é um homem de visão curta»**

dessa mangueira. E a mangueira leva cinco a seis anos a começar a produzir. Não é plantar hoje e no dia seguinte colher. Mesmo o milho leva alguns meses. Agora, os meus irmãos do Zimbabwe querem tudo ao mesmo tempo. Consolidem a independência em primeiro lugar, defendam a vossa independência, em primeiro lugar. Conquistar o poder político, para depois passo, a passo conquistar o Poder económico.

O poder económico constrói-se. Não cai do céu, assim como a vossa independência não caiu do céu. A vossa independência exigiu paciência. Mais de 90 anos de dominação directa. Antes de vocês nascerem, os vossos bisavós, os vossos avós, os vossos pais foram oprimidos mas tiveram paciência, acumulando no nosso peito, no nosso coração, a certeza da vitória um dia. Sempre levávamos a certeza da vitória

no nosso andar, no nosso olhar. E a vitória já chegou. Não podemos brincar com a vitória que contém vidas e vidas, contém sangue dos melhores filhos do Zimbabwe. Por causa de interesses mesquinhos de alguns, por causa de interesses secundários que não servem ao nosso Povo do Zimbabwe mas aos nossos inimigos que querem destruir-nos. Quando nós queremos casar, meus irmãos, primeiro crescemos, não é? Depois arranhamos emprego, organizamos e, mobilamos a casa, garantimos emprego e depois começamos a procurar a noiva. É correcto ou não é?

É isto que eu queria transmitir. Obrigado, África. Obrigado países da Linha da Frente, obrigado todo o mundo que nos ajudou: Europa, países nórdicos, em particular países socialistas. Nos países ocidentais, os nossos agradecimentos vão também para as forças democráticas que souberam sempre estar ao lado da justiça isolando aqueles que oprimiam, aqueles que perpetuavam a injustiça. Obrigado continente da Ásia. Em primeiro lugar também países socialistas da Ásia. Em segundo lugar países amantes da paz e do desenvolvimento e progresso. Obrigado continente Latino Americano. E, em última análise, quem suportou o maior peso foi o Povo do Zimbabwe. Obrigado por esta vitória Povo do Zimbabwe. De Umtali a Bulawayo. De Fort Vitoria a Buffalo Range e Vitoria Falls a todos aqueles que deram as suas preciosas vidas para que o Zimbabwe nascesse, obrigado. Eu sei que estou a falar perante os sobreviventes (desde o tempo da penetração do colonialismo britânico até ao aparecimento desta bandeira). Esta bandeira libertou a bandeira inglesa.

Esta bandeira venceu a bandeira racista. Tem mérito.







### **Momento de despedida**

Por isso obrigado a todos.

Nós transmitiremos a Moçambique este vosso calor, esta vossa simpatia, esta vossa amizade para com o Povo de Moçambique, esta vossa solidariedade, este amor que vocês têm para com o nosso Povo. Nós não esqueceremos nunca o passado. Fomos oprimidos juntos, massacrados juntos. O sangue do Povo do Zimbabwe está misturado com o sangue do Povo de Moçambique.

Na luta, estivemos juntos, lado a lado. Fome, sofremos juntos. Chuva, sofremos juntos. Frio, sofremos juntos nas florestas. Por isso, somos ir-

mãos pelo passado pelo presente e pelo futuro. Nós estaremos sempre ao lado do Zimbabwe. Sempre que estiver ameaçada a independência do Zimbabwe contem com o Povo de Moçambique. Inimigos da República do Zimbabwe são inimigos da R.P. de Moçambique. No passado, era o colonialismo, depois os racistas. Agora o nosso inimigo comum é o subdesenvolvimento. Por isso usemos de novo a nossa inteligência e a nossa força para vencermos o subdesenvolvimento. É esta a mensagem que levarei para o meu Povo.



E eu trago comigo todo o calor toda a admiração do Povo de Moçambique para com o Povo do Zimbabwe. Povo heróico. Povo maduro politicamente. Povo que soube separar o joio do trigo no momento preciso. Souberam utilizar as eleições que o inimigo tinha a intenção de manobrar para destruir a vossa vitória. Elegeram o vosso Governo. Estão vocês hoje no poder, através do vosso Primeiro-Ministro, Robert Mugabe. Os traidores, foram para o caixote de lixo da história. Deixá-los lá no caixote de lixo.

Obrigado pela grandiosa recepção, recepção histórica.

A delegação de Moçambique sentiu-se em casa. Nós não somos estrangeiros no Zimbabwe. Só estamos em cantos diferentes, e transmitiremos esta disciplina que observamos aqui dentro deste estádio. E esta disciplina é uma conquista da vossa Luta. Continuem a mantê-la e, assim, liquidarão os inimigos da vossa independência, vão descobrindo aqueles que são espões, que servem as forças exteriores. Khanimambo a todos.

Acompanhado pela multidão o Presidente canta Khanimambo FRELIMO, Khanimambo Zimbabwe, Khanimambo Mugabe.

**«Khanimambo Zimbabwe  
Khanimambo Mugabe»**





# “o culpado é só o sistema de exploração”

(Samora Machel)

Discurso do Presidente Samora Machel no banquete oferecido pelo Presidente Canaan Banana

Obrigado Zimbabwe.

Obrigado, dirigentes do Zimbabwe que pela luta e sacrifício, tornaram o Zimbabwe terra livre e próxima de Moçambique.

Há um ano atrás não podíamos vir ao Zimbabwe. Há um ano atrás, nenhum homem digno, representando um Estado livre, podia visitar a vossa Pátria. Há um ano atrás, desta terra partiam as forças agressoras que iam semear o luto e a devastação na nossa Pátria. Dizemos estas verdades para nos libertarmos do passado. Só assumindo as verdades do passado nos podemos libertar do tabu que bloqueia a construção do presente. Hoje podemos falar desse passado porque o vosso Povo teve a coragem histórica de aceitar os mais altos sacrifícios para construir um novo presente. Os vossos combatentes, aceitaram morrer para que a terra e os homens fossem libertados. Mas a liberdade é generosa e universal. Não é privilégio de poucos. A vossa luta de libertação, libertou Moçambique da agressão. A vossa luta de libertação, libertou a África Austral da guerra. A vossa luta de libertação, libertou o vosso Povo do racismo. Hoje há zimbabwianos, zimbabwianos que são brancos e pretos. Que têm o shona, ndebele, o inglês, o africano e até o português como língua materna.

O heroísmo do vosso Povo, as crianças indianas, pretas, brancas, são hoje, simplesmente crianças do Zimbabwe. Os homens e mulheres, de todas as raças, são cidadãos do Zimbabwe. Cidadãos livres, duma Pátria livre que na paz e confiança reencontradas executam um futuro de esperança e prosperidade. Gloriosamente nasceu a vossa Pátria, dum conflito longo e sangrento, que por vezes quase atingiu a dimensão de uma confrontação racial. Com patriotismo, com acção esclarecida dos seus dirigentes, tomando consciência da verdade histó-





rica, o Povo do Zimbabwe, de todas as raças, sabe ultrapassar os ódios que os dividiam, dar-se as mãos e, no respeito, no amor, com uma comum determinação unir e reconstruir a Pátria. Este é um exemplo que ultrapassa as vossas fronteiras. (...gravação inperceptível de que os homens, são homens e não raças, cores e línguas divididas...)

Depois têm a grande responsabilidade de edificar a nova sociedade. Têm a responsabilidade, depois de serem um exemplo para o mundo e sobretudo de educar as forças retrógradas da nossa região. Por isso, mais uma vez, obrigado Povo do Zimbabwe, obrigado dirigentes do Zimbabwe.

Excelência,

Falar do Zimbabwe, falar agora da liberdade conquistada, do futuro de esperança e prosperidade que se constrói através do trabalho árduo exige que se preste a devida homenagem ao Povo e às forças que tornaram possível a realidade de hoje. Foi a luta armada, foi a determinação do Povo, foram os sacrifícios que criaram o Zimbabwe. Milhares de quilómetros de chuva e de frio, milhares de quilómetros de fome e sede foram palmilhados pelos combatentes para acenderem para sempre a chama da liberdade. Milhares de quilómetros que o Povo transportou armas e munições, milhares de quilómetros que o Povo percorreu fugindo das bombas e dos campos de concentração. Milhares de quilómetros que percorreu para as prisões sem saber do destino dos seus entes queridos. Na viuvez das esposas, na dor dos orfãos, nas lágrimas dos pais que perderam os filhos, na coragem de cada dia, encontra a força que libertou sem Sol? A vossa Pátria. Estas não são lágrimas de negros ou brancos, porque as lágrimas de uma mãe não têm cor. Esta não é a coragem de negros ou brancos, porque a inteligência que domina a máquina e os calos criados no trabalho não têm cor. Não procuramos nesta ou naquela raça o culpado pelo sofrimento da guerra e pelos lutos chorados. O culpado é só o sistema colonial, o sistema de exploração do homem, o sistema que na sua lógica utilizava e engendra o racismo, a divisão, o ódio e a guerra. Reconstruir o Zimbabwe livre, é saber assumir todos os seus mortos, de todas as cores de todos os seus grupos. É sobretudo assumir a esperança e determinação dos vivos que trabalham e que criam o amanhã.

Como o Povo irmão do Zimbabwe, nós, moçambicanos, assumimos também essa herança. Por isso, nos santuários da nossa dor ao lado de Mueda, Wiriamu, Mucumbura, Inhamitanga, erguem-se Nya-

zónia, Chimoio, Tembwe, Nhangai. Não tem santuários o ódio mas, a afirmação da vontade do homem de opor-se a novos massacres, em impedir que crimes idênticos se voltem a repetir. Como símbolo dessa determinação em criar a paz, e a liberdade no Zimbabwe e na África Austral gostaríamos de recordar companheiros muito queridos, combatentes exemplares e dirigentes consequentes que foram Leopold Takawira, Herbert Chitepo, Jason Moyo, Alfred Mikita Mangena. Com particular carinho, o símbolo do combatente libertador, que ficará entre os guerrilheiros heróicos recordamos o nosso companheiro, o grande comandante Josiah Tongogara.

Vossa Excelência, senhor Presidente Canaan Banana, tem a pesada tarefa e a grande honra de representar e simbolizar o glorioso Povo do Zimbabwe, o seu sofrimento, os mortos e vivos, os altos valores da sociedade livre e do País independente que os zimbabweanos estão a construir.

Excelência,

A história do Zimbabwe, é também a história dos homens eminentes que criaram a Pátria zimbabweana. Eles são o monumento vivo, são os novos zimbabweanos que desafiarão o tempo. Quando nós éramos adolescentes, quando os ventos da libertação começavam a soprar na nossa zona colonizada e oprimida, entre os zimbabweanos que estavam no pequeno punhado que levantava a bandeira da liberdade, nessa parte do mundo, estava Joshua Nkomo. Combatente corajoso e determinado, ele está indissoluvelmente ligado à história da independência das nossas Pátrias, do Povo da nossa zona. O combate de Joshua Nkomo é um ponto de referência na história de todos os povos desta região, o ponto de partida da formação da jovem geração de patriotas que fizeram triunfar a causa da independência e da liberdade. Em Joshua Nkomo queremos homenagear os pioneiros da causa da libertação da África Austral, a determinação dos povos de se libertarem do colonialismo, da ocupação estrangeira e do racismo, das horas mais duras e difíceis da opressão.

Excelência,

O Povo do Zimbabwe, escolheu para seu dirigente num voto democrático, o nosso respeitado e querido amigo, Primeiro-Ministro, Robert Mugabe. O sufrágio popular confirma a identidade entre o





**Samora Machel e Canaan Banana pouco antes do início do banquete de estado**

Povo e as forças que dirigiram o esforço da libertação nacional.

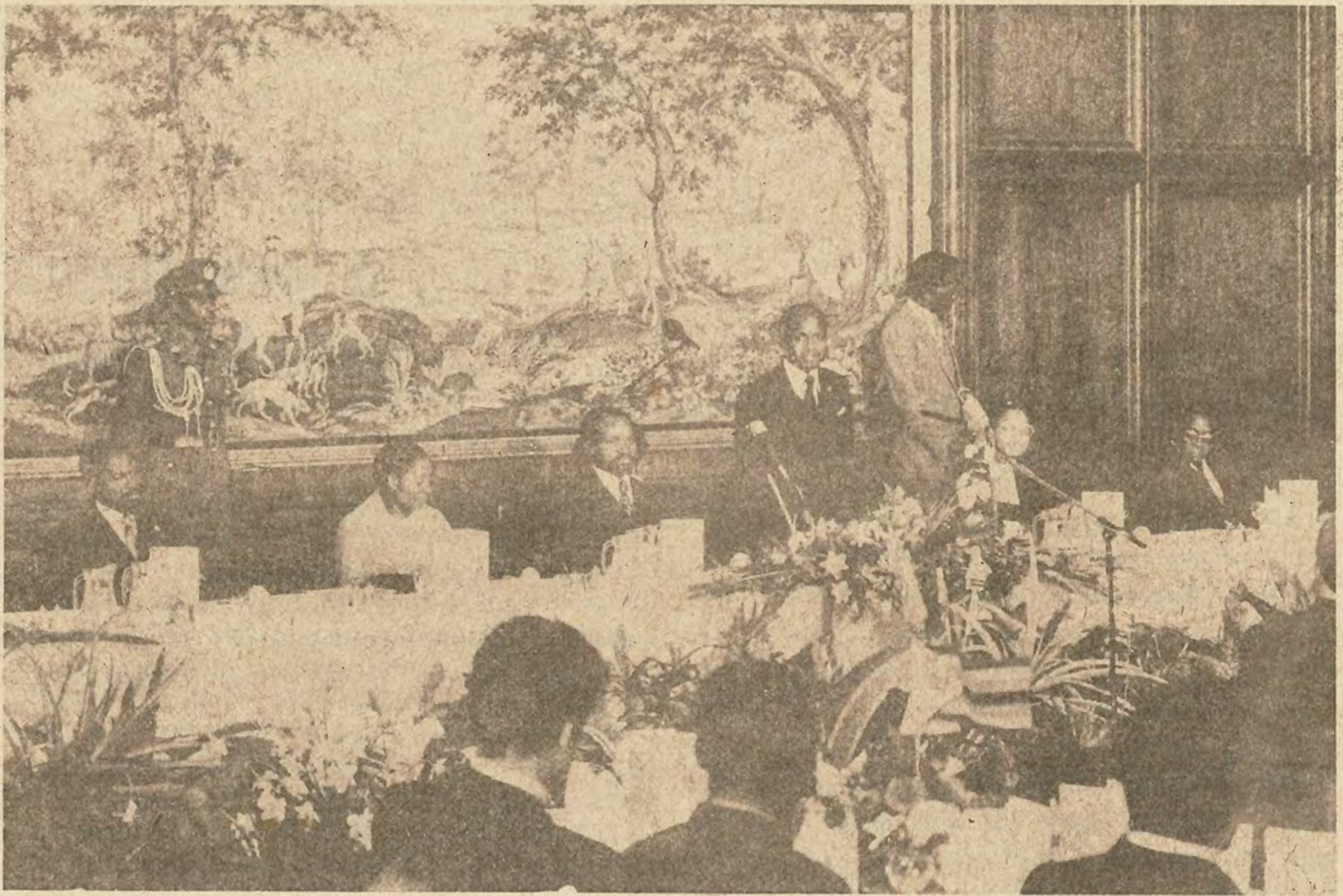
No Primeiro-Ministro Mugabe, encontramos sempre o patriota intransigentemente honesto e determinado e que sempre recusou todas as capitulações. Vimos nele o dirigente esclarecido que na estratégia libertadora soube dar prioridade ao principal e impedir que o secundário constituísse factor de divisão. A guerra ontem, a Reconstrução Nacional hoje, revelam a sua grande dimensão humana. Ele soube agir para que a guerra de libertação nunca caísse na armadilha dos conflitos racionais e na demência das vinganças pessoais. Na vitória da independência, afirmou a grandeza da causa de libertação ao fazer dessa vitória, vitória de todos contra o passado, vitória de todos para o futuro, ponto de partida da unidade, da reconciliação e fraternidade nacional. Robert Mugabe aliou as qualidades de homem da teoria e da prática, dirigente que se identifica com os homens do seu Povo para além das raças, religião, grau de educação ou nível económico. Ele ganhou, por isso um, prestígio e res-

peito incontestáveis. Ele tornou-se um dos mais destacados e considerados exemplos do nosso Continente. Obrigado Robert Mugabe.

Senhor Presidente,

Quis Vossa Excelência, dizer palavras extremamente amáveis e amigas em relação ao Povo moçambicano e ao papel que ele desempenhou na causa da libertação do Povo do Zimbabwe. O que fizemos, não foi decisivo para a vossa libertação. Esta, resultou essencialmente do vosso combate da acção do vosso Povo. O apoio prestado pelo nosso Povo, a aplicação das sanções, a participação dos combatentes internacionalistas moçambicanos no vosso combate, apenas aceleraram o momento da vitória, apenas aliviaram o muito que o vosso Povo suportou. O que fizemos foi a aplicação rigorosa dos princípios do internacionalismo proletário que guiam o Povo moçambicano e o nosso Estado socialista. O Marxismo-Leninismo que é uma conqui-





**Momento em que o Presidente do Zimbabwe, Canaan Banana, proferia o seu discurso de boas-vindas à Samora Machel**

ta do nosso combate, esclarece bem sobre a imperiosa relação dialéctica entre o desenvolvimento da luta de libertação nacional e a consolidação do Socialismo entre a causa da paz e da democracia e a causa da independência.

Por isso, Senhor Presidente, Moçambique e os outros países socialistas sempre estiveram com o Povo do Zimbabwe. No campo Socialista, a Zona Libertada da Humanidade, trouxe aos novos focos de liberdade, democracia e paz. A prática demonstra Senhor Presidente, que a causa da libertação nacional, da independência, da democracia e da paz, consolida o estreitamento das relações entre o movimento de libertação nacional e os seus aliados naturais — os países socialistas —, para além das divergências pontuais que surgem. Fomos vossa retaguarda durante a guerra de libertação. Queremos garantir, Senhor Presidente, Senhor Primeiro-Ministro que continuaremos a ser essa retaguarda sempre que a vossa independência, a vossa democracia, a vossa unidade e a paz tão duramente conquistadas forem ameaçadas. Estaremos, Senhor Pre-

sidente, Senhor Primeiro-Ministro ao vosso lado. Lutaremos convosco.

Somos irmãos pelo passado sofrido, pelo presente que vivemos, pelo futuro que queremos compartilhar. Queremos um futuro de felicidade, um futuro de bem-estar, onde as nossas populações possam viver livres, livres da fome, livres da ignorância, livres do subdesenvolvimento. Somos irmãos na construção do progresso e da cooperação na África Austral.

Excelência,

A República Popular de Moçambique, na sua constituição defende o princípio do estabelecimento de relação de cooperação económica com estados, com sistemas sociais diferentes e o direito de os estados à livre escolha da sua via de desenvolvimento político, económico e social.

As decisões da Cimeira Económica de Lusaka que estabelecem as bases de uma cooperação mu-



## O seu nome imortalizado

tuamente vantajosa entre os estados da região introduzem novos sectores para a nossa libertação económica que catalizam o esforço para rompermos com o subdesenvolvimento, são neste contexto instrumentos essenciais do progresso e da paz. Ainda não podemos aproveitar completamente as potencialidades da zona porque ainda existe no nosso seio segregação racial, o «apartheid». Ainda hoje, na nossa região, persiste um regime que faz dos homens, mulheres, crianças, velhos, estrangeiros na própria Pátria. O nosso Povo quer amor e justiça, quer relações fraternais e progresso, quer um futuro pacífico. A África Austral, nos últimos 20 anos, só conheceu a guerra. Ela foi-nos imposta como o único meio para pôr termo à violência colonial e a humilhação racista. A estabilidade na nossa região requer um combate firme e consequente pela libertação de todos os homens, pela coexistência pacífica entre os estados independentes. A cooperação entre os países livres da zona, a unidade dos nossos Povos, as relações da amizade entre os nossos Estados aceleram poderosamente a causa da igualdade bem-estar e felicidade para todos os homens nesta parte do mundo.

No campo dos transportes e comunicações, da energia, da agricultura, da indústria, da pesca, do turismo, das trocas comerciais, tudo concorre para unir os nossos dois países e delimita em favor da nossa prosperidade e cooperação.

Durante esta visita, Senhor Presidente, Senhor Primeiro-Ministro, estamos certos de que serão assinados importantes documentos que estabelecerão a base jurídica para uma cooperação mutuamente vantajosa para os nossos Estados e benéfica para toda a África Austral.

Excelência,

Hoje, fomos carinhosamente recebidos pelo Povo e dirigentes do Zimbabwe. O calor, a alegria, a emoção que nos têm rodeado explicam bem os laços fraternais forjados entre os nossos Povos e Estados, cimentados pelo sacrifício e pelo sangue nas horas mais difíceis. Não se agradece o amor, não se agradece a solidariedade. O amor e a solidariedade são vividos, são compartilhados. Por isso, Senhor Presidente, diremos apenas, estamos convosco e sentimos o Zimbabwe como nossa terra porque Moçambique é também terra de todos vós. Permitam-me que vos convide a juntarem-se a mim num brinde ao reforço constante da amizade e solidariedade, da cooperação e ajuda mútua entre os nossos Povos e Estados, ao sucesso na edificação de um Zimbabwe pacífico, unido, democrático, próspero e anti-racista. À saúde de Vossa Excelência, Senhor Presidente e sua esposa, senhora Canaan Banana. À saúde do Senhor Primeiro-Ministro e da senhora de Robert Mugabe. À saúde de Vossa Excelência, pelo triunfo da causa da paz, da liberdade, da democracia, da cooperação e da prosperidade da África Austral.

Viva Zimbabwe independente  
A Luta Continua  
Khanimambo Zimbabwe







**MACHEL AVE**

**«Este dia é histórico para a República do Zimbabwe.**

**Foi sempre nosso desejo que a primeira visita de estado**

**do Camarada**

**Samora Machel tivesse um significado especial porque é ao Povo moçambicano**

**que muito devemos no que diz respeito à nossa vitória final sobre o colonialismo.**

**O apoio que o Povo de Moçambique, sob a direcção capaz do Camarada**

**Samora Machel, é bem conhecido de todos nós.**

**Ao darmos o nome de Samora Machel a uma das nossas principais avenidas imortalizámo-lo na cidade capital do Zimbabwe»**



# zengeze ...



A Luta de Libertação Nacional no Zimbabwe não foi feita em nome de uma raça. Nessa medida, foi uma guerra justa.

Foi este o assunto de fundo do improvisado do Presidente Samora Machel quando falava para a população de Zengeze, sexta-feira de manhã, dia da partida.

Na noite anterior, durante o banquete oferecido pelo Presidente Samora a Canaan Banana, o Chefe de Estado Moçambicano recebeu uma notícia que iria fazer alterar o programa do dia seguinte. O Ministro da Habitação e Governo Local do Zimbabwe, Eddison Zvogbo, foi ter com o

Presidente Samora e disse-lhe que num bairro chamado Zengeze, situado longe da cidade, os seus moradores estavam reunidos e não saíam de lá enquanto o Presidente moçambicano não fosse lá. Zvogbo entregou depois ao Presidente Samora um saco cheio de dinheiro, oferta da população de Zengeze, para «Moçambique reconstruir as pontes destruídas durante a guerra».

«Vou lá amanhã», disse Samora Machel.

Eram cerca das 10 da manhã de sexta-feira quando Samora Machel partiu de helicóptero para aquele bairro onde era esperado

por vários milhares de pessoas. Quando lá chegou mostrou o sacco de dinheiro, e, de cima de um Jeep, falou durante cerca de uma hora.

A dado passo o Presidente Samora apontou os pilotos dos helicópteros e os polícias que se encontravam ali e disse que mesmo eles foram libertados e que agora servem o Governo eleito pelo Povo. Referiu depois o período Muzorewa: «Ele carregou a bandeira de Smith e hoje está no caixote de lixo da História. Deixem-no lá», disse o Presidente.

O Povo concordou.





## **... e outras pequenas histórias**

**Triangle,  
na zona  
de Buffalo Range,  
dia 5.**

### **tempo de uma vida**

A mãe do Primeiro-Ministro do Zimbabwe quis tirar uma fotografia «com aquele que ajudou o meu filho». Emocionada, disse ao Presidente Samora que estava satisfeita por poder conhecê-lo. O Presidente respondeu que a honra era sua; conhecer a mãe daquele que dirigiu activamente o processo de libertação do Zimbabwe.

A velha senhora, já octogenária, disse que nunca pensara que o seu filho pudesse vir a ser o Primeiro-Ministro do seu País independente. Na sua voz havia orgulho.

Quando ela nasceu principiava o colonialismo. Viveu até ver o seu fim.





# “amor natural”

Chama-se  
Canaan Chikumbire,  
re, um zimbabweano de 25 anos

de idade que nunca frequentou uma escola de arte. É escultor.

Durante a visita do Presidente Samora ao Zimbabwe, Canaan Chikumbire apresentou-se na residência do Chefe de Estado moçambicano para lhe oferecer uma escultura.

«Há seis meses que trabalho nesta peça para lhe entregar», disse o escultor na altura em que fez a entrega da escultura que tem o nome de «amor natural». E acrescentou: «Os cantores exprimem-se pela voz. Nós que esta-

mos sentados exprimimo-nos pela escultura».

Em diálogo com o escultor o Presidente Samora disse que a peça representava a unicidade de África.

Pouco antes de se despedir Canaan Chikumbire falou assim da visita de Samora Machel ao Zimbabwe: «Muitas coisas foram ditas durante a sua visita mas, com o passar do tempo, estou certo que muitas mais havemos de ouvir».



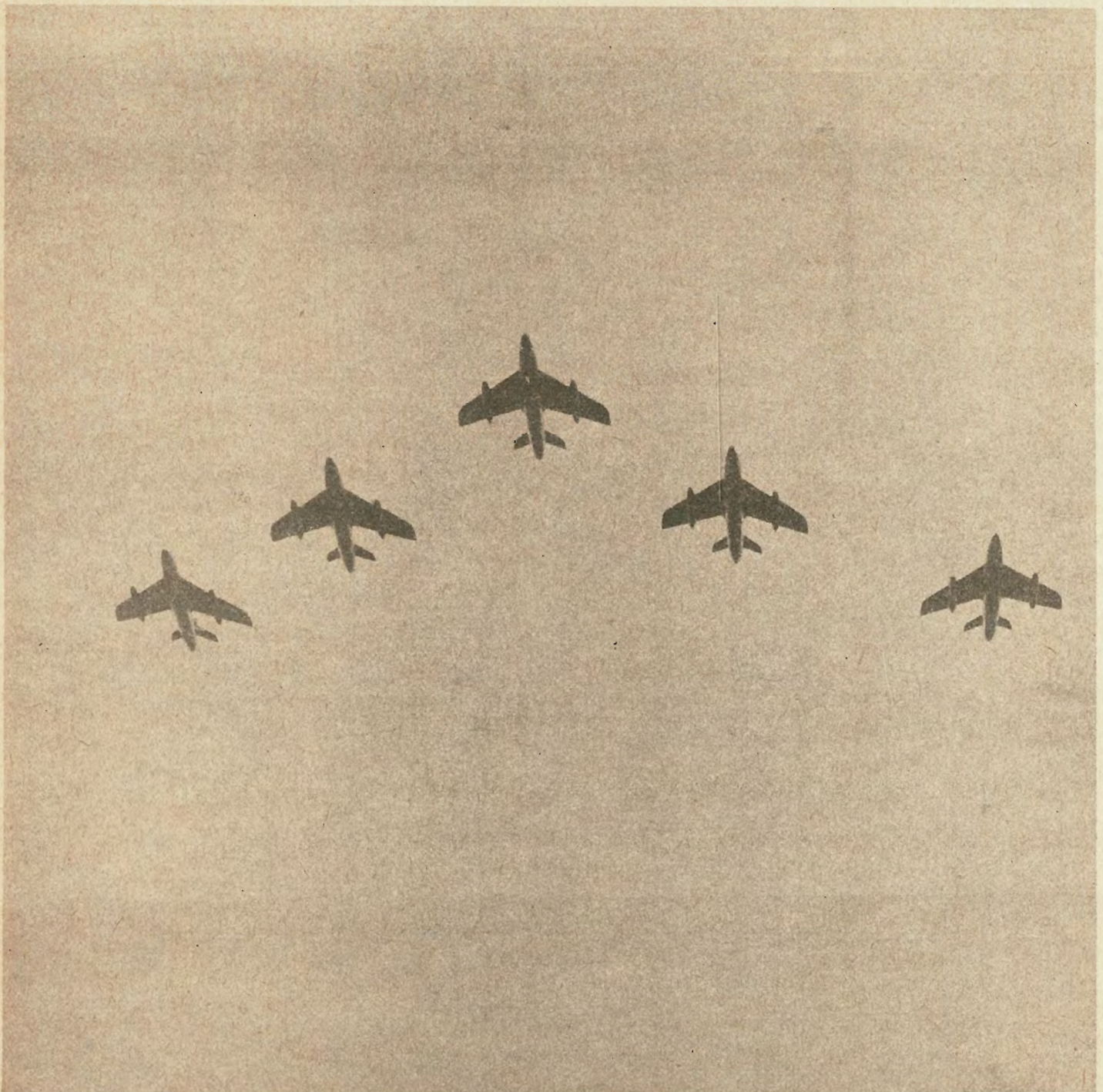
**À direita, Canaan Chikumbire**







***Caças-bombardeiros da força aérea zimbabweana  
que acompanharam o avião presidencial da frontei-  
ra a Salisbúria. Os que ontem bombardeavam Mapai***





**Quando esteve em Bulawayo o Presidente Samora Machel encontrou-se com Garfield Todd que foi preso em 1965 por Ian Smith por não ter apoiado a Declaração Unilateral de Independência.**

**«Lutámos juntos pela independência do Zimbabwe», disse o Presidente Samora Machel falando para o repórter.**

**Garfield Todd é hoje membro do Senado zimbabwano.**





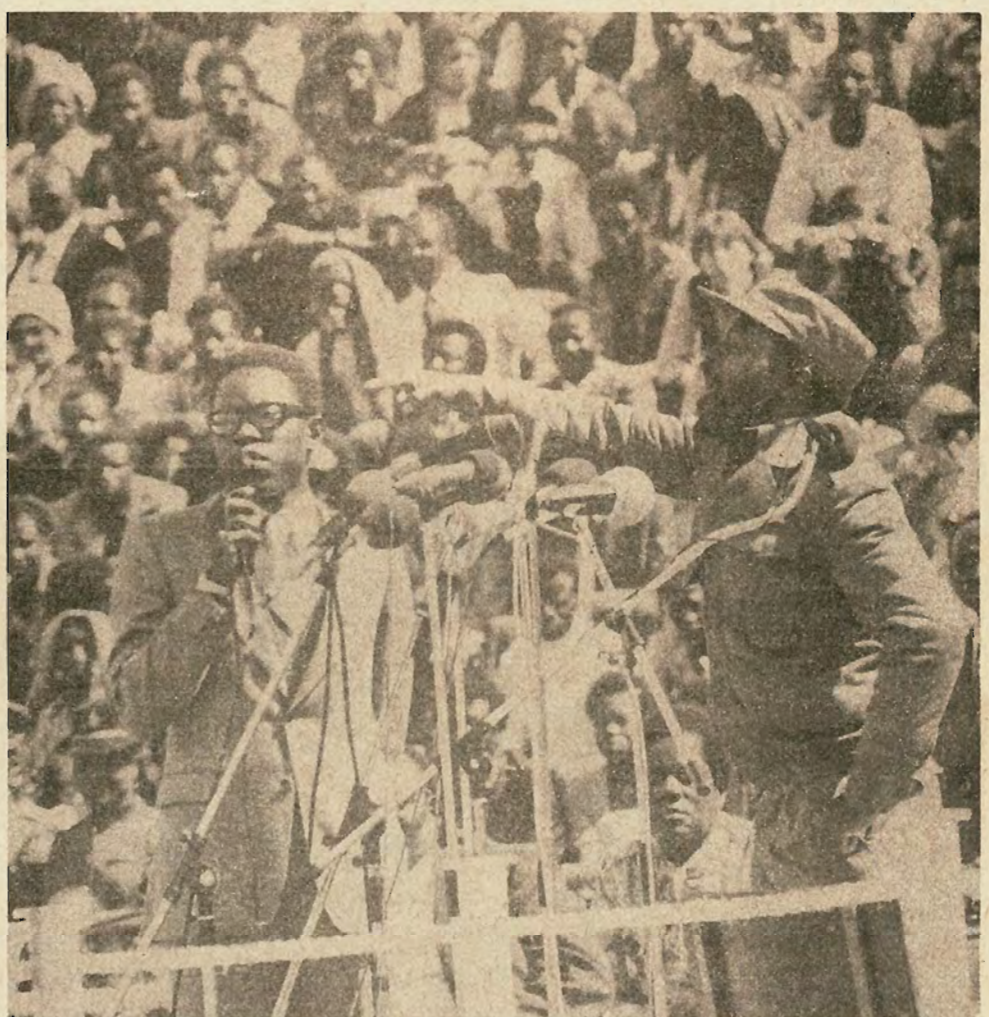


**encontros**









**A delegação moçambicana canta no  
fim do comício de Bulawayo**



**Na embaixada da RPM.  
Encontro  
com moçambicanos  
residentes  
no Zimbabwe**



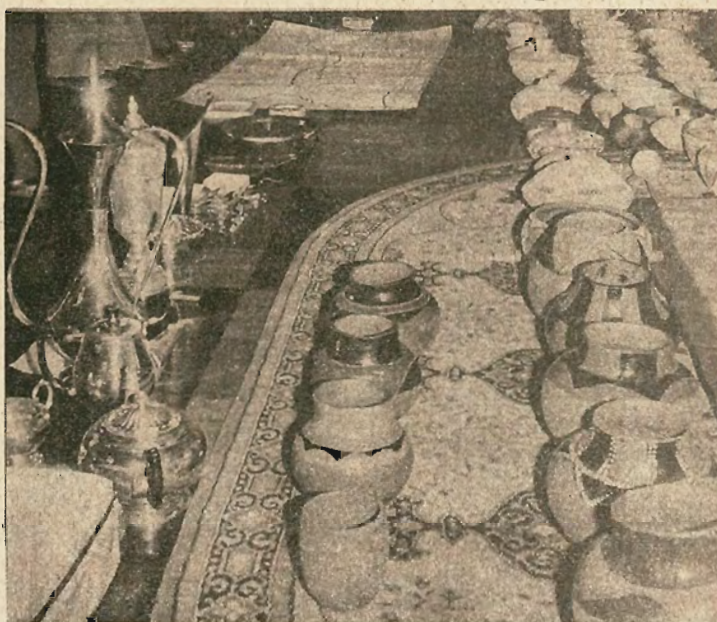
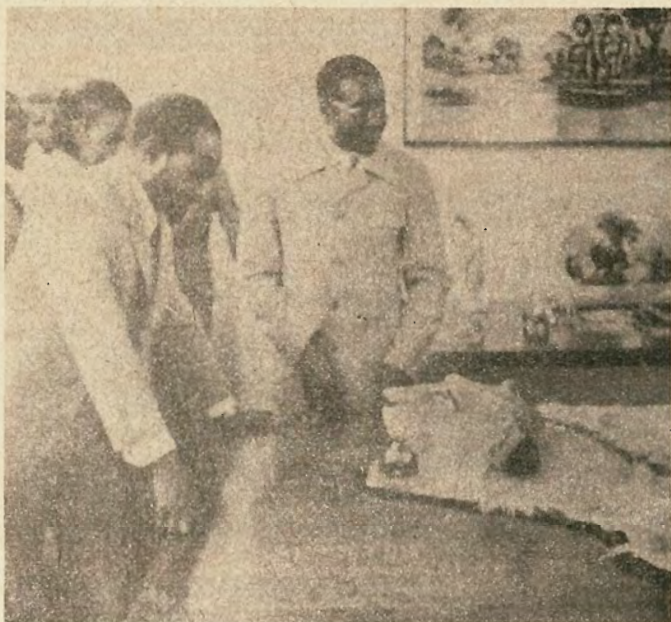
**Na Câmara Municipal de  
Salisbury. À direita, o  
«Mayor»**



**Almoço em Bulawayo**



**Foram  
quase 500  
as ofertas  
ao Presidente  
Samora Machel  
e a Graça Machel**









# a história também se liberta



Nas ruínas do Zimbabwe



# a história também se liberta

No final do século passado, em 1895, três homens juntaram-se numa insólita empresa comercial. Um deles era prospector de ouro e chamava-se Neal. Os outros dois pertenciam a uma classe de pessoas que começava a surgir na África Austral: os financiadores de aventureiros que se dispunham a partir à caça da fortuna. Chamavam-se estes Maurice Gifford e Jefferson Clark e viviam em Joanesburgo. Neal, Gifford e Clark dirigiram-se à Companhia Britânica da África do Sul e pediram uma concessão para «explorar todas as antigas ruínas situadas ao sul do Zambeze». Obtida a concessão, formaram uma empresa com o nome «Companhia das Antigas Ruínas, Lda.».

Sete anos mais tarde, em 1902, Neal afirmaria que tinha explorado pessoalmente 43 ruínas de um total de 140 que conhecia.

É difícil calcular o saque realizado pela empresa de Neal e por outros grupos de aventureiros que percorreram as ruínas dos antigos reinos feudais do Zimbábwe, à cata de ouro. Mais difícil ainda de avaliar é o que destruíram.

Uma grande quantidade de achados de valor arqueológico inestimável foram pura e simplesmente fundidos e vendidos como ouro, perdendo-se para sempre. Muitos dos traços que permitiriam reconstituir o desenho da civilização e da cultura destes povos foram definitivamente apagados. Onde havia uma História para estudar apenas se procurou ouro para saquear...

Com o grupo de jornalistas que acompanhava a visita do Presidente Samora Machel cheguei de manhã às ruínas do Grande Zimbábwe. Era uma manhã de céu



Chegada...



azul e sol brilhante que não roubava a frescura do ar. De longe, víamos a montanha em cujo cimo se ergue a muralha inexpugnável da velha fortaleza que domina o vale. Avançámos a pé, entre alas de pessoas vindas de longe para saudarem o Presidente Samora.

O caminho subia em declive que, apesar de ligeiro, escondia dos nossos olhos as ruínas. Apresámos o passo e, finalmente, estávamos em frente do amuralhado do Grande Zimbabwe para um encontro com a História.

O principal edifício do Grande Zimbabwe forma uma elipse com 90 metros de comprimento por 70 metros de largura, com muralhas que atingem mais de 9 metros de altura e têm 6 metros de espessura. À sua volta estendem-se dezenas de ruínas de construções menores, todo o conjunto sob a protecção da fortaleza erguida no cimo da montanha, que não chegámos a visitar.

Enquanto aguardávamos a chegada do Presidente Samora Machel percorremos as ruínas exteriores ao edifício elíptico. Que vida guardavam estas muralhas, estas casas? Guardavam as muralhas, certamente, a morada do rei e a soberania do reino. Em redor, nas construções mais sólidas, viveriam os grandes senhores da nobreza local, os chefes guerreiros, os protectores dos segredos da fundição do ouro. E, mais adiante, em habitações modestas, de barro e colmo, viveriam os fundidores, os pastores, as camponezes, todos sob a sombra tutelar do rei e da fortaleza. Do alto das muralhas e na fortaleza da montanha, sentinelas perscrutariam o horizonte, para prevenir o ataque das forças de outro reino ou avisar a chegada de mercadores da costa, que trariam tecidos da Índia ou porcelanas da China e levariam ouro deste reino mineiro e fundidor.

Que batalhas se travaram neste vale ao longo dos séculos? Quantos conquistadores vitoriosos aqui se instalaram e, depois, alongaram as defesas, alearam as muralhas, reforçaram o exército e foram, neste processo, conqui-



... a Fort Victoria ...



... e às ruínas



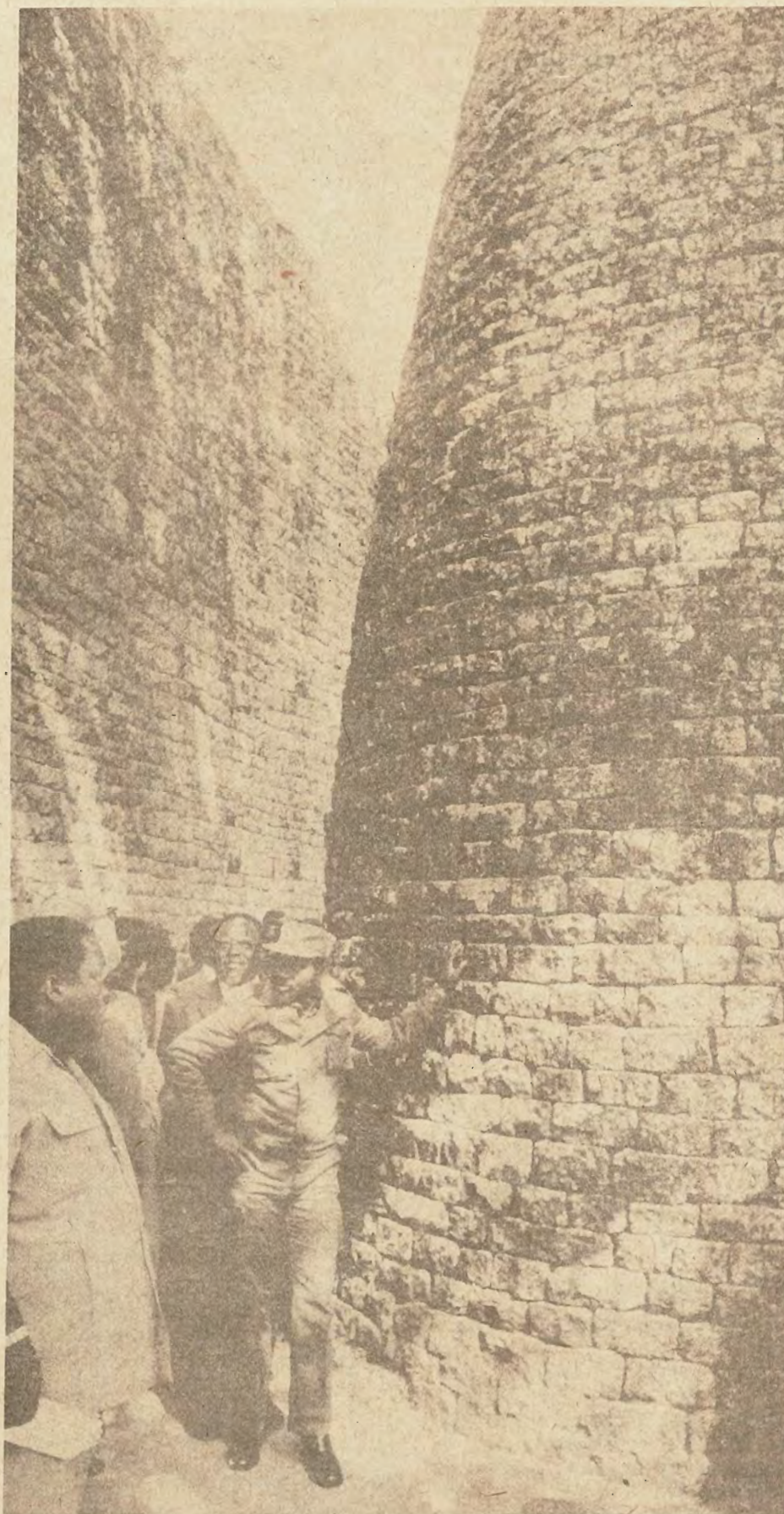
# a história também se liberta

tados pela cidade conquistada, pela sua civilização, pelo poder que dela se estendia? Quantos reis e generais aqui planejaram as suas campanhas, as suas guerras de expansão e subjugação de outros reinos vizinhos, quantas alianças feudais aqui se fizeram e desfizeram, no lento caminhar histórico para a Nação?

Estas velhas pedras, laboriosamente cortadas em paralelepípedos e sabiamente empilhadas em muralhas e paredes e muros que os séculos não puderam destruir, guardam também os anos amargos do declínio, quando em lugar dos mercadores inteligentes da Arábia, vieram os ávidos saqueadores de ouro da Europa, quando, por isso, os mineiros abandonaram as minas, os fundidores apagaram as forjas, os reis enfraqueceram, os exércitos desmembraram-se, as dinastias quebraram-se. Até ficarem esquecidos os segredos da combinação do fogo e das pedras de ferro e ouro.

Deambulando pelas ruínas, lembrei-me dum livro que li na minha juventude. Foi escrito por um autor inglês de romances de aventuras chamado Ridder Haggard e traduzido para português por Eça de Queiroz. Chama-se «As Minas do Rei Salomão». É um livro de aventuras. Um caçador contratado na cidade do Cabo para acompanhar uma expedição que parte para o norte à procura das minas que teriam feito a fortuna do bíblico rei Salomão. No livro, as minas serão encontradas e perdidas de novo, no meio de grandes e tenebrosas aventuras, por selvas e cavernas.

Este romance é o reflexo, a





brincar, de afirmações por essa altura feitas por senhores muito sérios, falando seriamente, ainda que parvamente. Por exemplo, o geólogo alemão Mauch, que chegou às ruínas do Grande Zimbabwe em 1872, escreveu muito a sério que a fortaleza da montanha era uma cópia do templo construído pelo rei Salomão no monte Moriah e o edifício elíptico era uma cópia do palácio da Rainha de Sabá que teria existido em Jerusalém no século X AC.

Outros senhores muito sérios afirmaram muito seriamente que as ruínas do Grande Zimbabwe são o testemunho da presença dos fenícios por estas bandas. Como por aqui andaram fenícios, egípcios, salomões e rainhas de Sabá, como por aqui se estabeleceram, fizeram cidades, ergueram fortalezas e abriram minas, ninguém calcula, nem ninguém se atreveu a tentar explicar. De res-

to, o que se pretendia dizer era outra coisa. Ninguém estava particularmente interessado nos fenícios ou na viajadíssima rainha do Sabá. Estava-se era interessado em recusar, fosse de que maneira fosse, que estas cidades, estas fortalezas, estas muralhas, esta civilização, esta ciência são africanas.

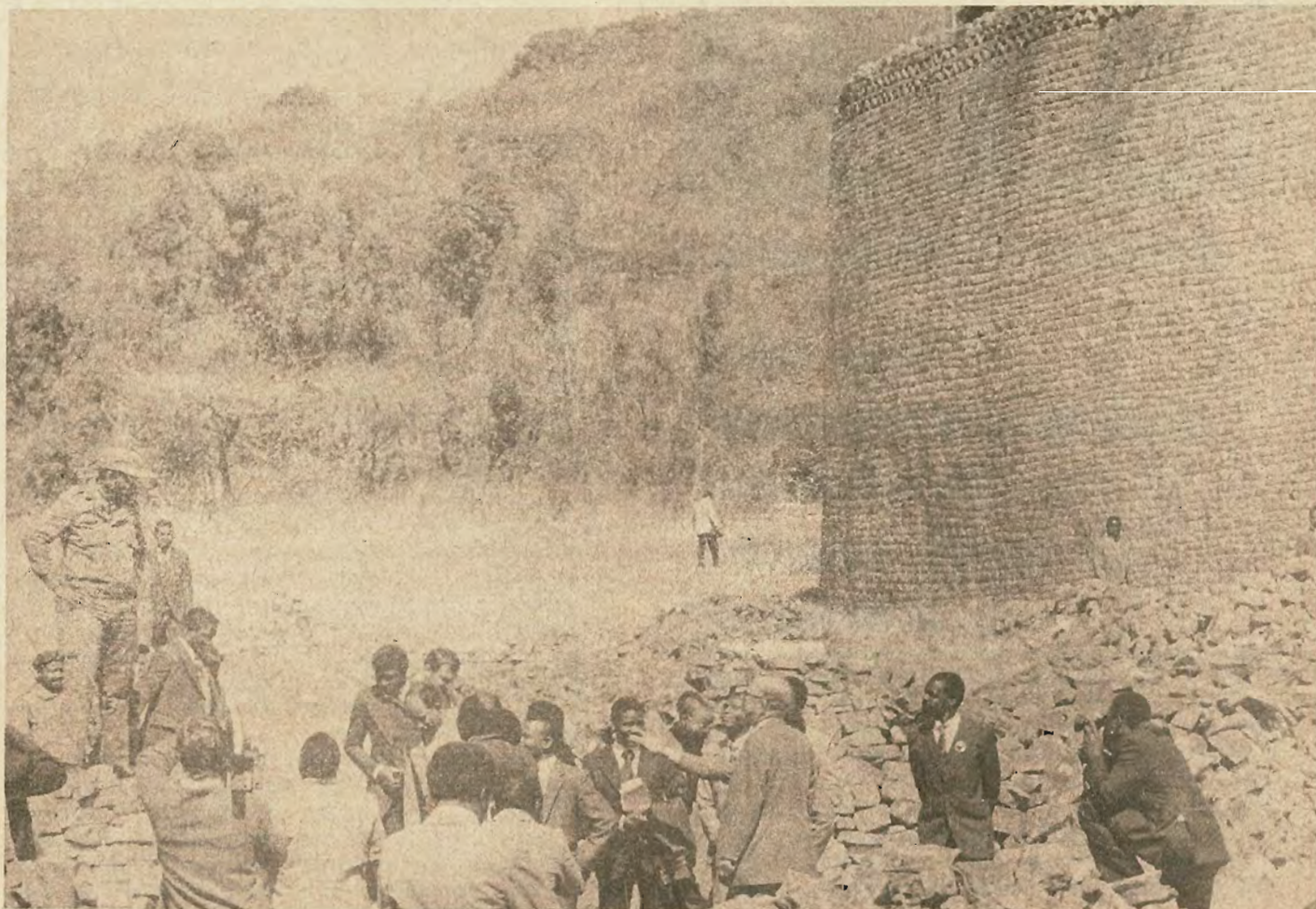
O curador das ruínas do Grande Zimbabwe, que acompanhou o Presidente Samora Machel na sua visita a este histórico local, é um arqueólogo.

Se um arqueólogo chega à Europa, vê um castelo, nota o fosso que o rodeia, verifica a ponte levadiça que sela a entrada, constata a solidez das muralhas, estuda as ameias e barbâcas, diz de imediato: aqui há ciência militar, esta é uma obra de defesa. Na realidade, não passa pela cabeça de ninguém que as muralhas dum castelo europeu tivessem sido le-

vantadas para proteger os habitantes das correntes de ar. Mas este nosso amigo arqueólogo do Zimbabwe, convicto (como todos os arqueólogos, dizia ele) de que o Grande Zimbabwe é indiscutivelmente bantu, não via, no entanto, a intenção militar das sólidas muralhas, da fortaleza inexpugnável, das trincheiras fundas e estreitas revestidas de pedra.

No interior do enorme edifício elíptico, o Presidente Samora Machel apontou ao arqueólogo o preconceito: «Na Europa há a mentalidade de não aceitar a ciência africana. Por isso não aceitam que isto é ciência militar».

Para os colonialistas, a História de África começou com a chegada dos primeiros colonizadores. Hoje, em Moçambique e no Zimbabwe, a independência é o factor que permite recuperarmos o nosso passado. A independência também liberta a História.







## ROBERT MUGABE

**“não vejo  
quaisquer obstáculos  
no caminho  
da nossa unidade  
econômica”**

No segundo dia da visita de estado do Presidente Samora Machel ao Zimbábue o Primeiro-Ministro zimbabueano Robert Mugabe ofereceu à delegação moçambicana um banquete durante o qual expôs a perspectiva do seu país em relação ao futuro das relações com Moçambique. Em resumo: as portas estão abertas para uma ampla cooperação no campo económico. Aqui fica o discurso de Robert Mugabe na íntegra.

Sua Excelência, Presidente da República  
Popular de Moçambique,  
Camarada Samora Moisés Machel e senhora  
Machel,  
Distintos Ministros,  
Membros do Corpo Diplomático,  
Camaradas,  
Senhoras e Senhores,

Falo neste momento de raro significado histórico para reiterar as nossas muito calorosas boas-vindas ao Presidente Machel e à sua delegação que pela primeira vez visitam a nossa recém-independente República do Zimbábue. As centenas de milhares de pessoas que ontem vieram para as ruas dar-lhe a si e à sua delegação, Presidente Samora, entusiásticas e bem merecidas boas-vindas eram apenas uma fracção pequena dos sete milhões e meio de zimbabueanos. Todos eles desejariam e ficariam imensamente satisfeitos em vir receber os nossos distintos hóspedes com ovações ensurdecedoras e profunda gratidão.

Recebemos, saudamos e entusiasticamente ovacionamos o Camarada Samora Machel, primeiro como líder e herói da vitoriosa luta revolucionária armada do Povo moçambicano.

Recebêmo-lo, saudamo-lo e ovacionamo-lo pelas medidas revolucionárias que tomou para consolidar a vossa vitória e a vossa independência tão duramente conquistada.

Recebêmo-lo, saudamo-lo e ovacionamo-lo a si e ao seu povo por terem permitido que nós, Povo do Zimbábue, construíssemos a nossa luta armada de libertação nacional sobre o sangue e sacrifícios do resistente Povo moçambicano transformando assim a vossa luta revolucionária na nossa própria luta revolucionária.

Recebêmo-lo, saudamo-lo e ovacionamo-lo de todo o coração pela sua total dedicação à nossa luta e pela inquebrantável posição de princípio que assumiu face à agressão do inimigo que deliberadamente tentava forçá-lo a tomar uma posição desviacionista e revisionista no que diz respeito à nossa luta revolucionária. Os moçambicanos mantiveram-se firmes e pela nossa causa preferiram a morte e o sofrimento à rendição. Não poderíamos ter tido melhores aliados do que aqueles que se dispuseram a dar as suas vidas por nós.

Recebêmo-lo, saudamo-lo e ovacionamo-lo, e as nossas calorosas boas-vindas são a nossa mais genuína e espontânea resposta a tudo que a FRELIMO e o Povo de Moçambique, sob a sua direcção, fizeram pela nossa liberdade e pela dignidade de África. (Aplausos)

Do fundo do coração de cada zimbabueano dizemos: «Obrigado».

Devemos também recebê-lo, saudá-lo e ovacioná-lo por ser nosso irmão, amigo e vizinho. Irmão, sim, por causa das nossas ligações de sangue e identidade cultural com o Povo de Moçambique; irmão também por causa da unidade e natureza comum da nossa luta que, para nós,



o transformou em alguém mais querido do que um mero aliado. Amigo, porque através da luta, nos aproximámos mais uns dos outros compartilhando as nossas ideias, os nossos momentos de humor e os mais profundos dos nossos segredos. Vizinho, por causa da nossa Geografia e História comuns. E, enquanto para sul temos um vizinho cuja política de apartheid é a antítese da nossa filosofia política e moral, temos em si o prazer de encontrarmos um vizinho amigo e irmão tal como acontece com a Zâmbia e Botswana.

Expressamos a nossa imensa satisfação por ter-nos visitado numa altura em que tentamos arduamente consolidar a nossa vitória e independência conseguidas com imensas dificuldades. Como sabe, o caminho para a independência foi longo, árduo e destrutivo em muitos aspectos. A primeira necessidade que sentimos depois da independência foi a de implantarmos a paz e segurança totais no país. É esta ainda a nossa primeira tarefa apesar de passos positivos já terem sido dados para atingirmos esse objectivo.

Adoptámos, também, o tema da reconciliação no processo de conseguirmos uma nova consciência política baseada na necessidade de total aceitação da realidade da nossa transformação política, política governamental e objectivos populares do nosso Estado; a necessidade do lado vitorioso mostrar maganimidade e reconciliar-se com aqueles que tendo lutado e tendo perdido na sua causa injusta agora demonstram o seu desejo de aceitar o veredicto popular que produziu o meu governo. Só na base deste ajustamento os inimigos de ontem podem tornar-se aliados, e, juntos, erguerem alto a bandeira de uma nacionalidade que une todos os zimbabueanos independentemente da sua raça, cor da pele, credo religioso ou aspirações pessoais. Só nessa base os nossos objectivos e inclinações individualistas, grupistas, de clique, triba-listas ou regionalistas podem ser transformados em objectivos e aspirações colectivistas, populares e socialistas. Se pusermos o povo em primeiro lugar, o povo todo e o povo como um todo, então não poderemos ao mesmo tempo realçar o indivíduo, o seu grupo, clique ou região pois isso negaria o conceito nacional que é o princípio fundamental da nossa filosofia social. É, sem dúvida, nesta base que queremos proceder na implementação dos nossos princípios socialistas apesar de termos que tomar em conta a realidade de circunstâncias particulares históricas e tradicionais, e outros factores.

Para nós, portanto, a reconciliação como base da nossa unidade nacional e paz tem como ponto de partida a vontade do povo enquanto fenómeno social e político transcendental a que o indivíduo deve submeter a sua vontade. A maior parte, digo-o com satisfação, aceitou este tema de reconciliação. E, a maior parte dos membros da nossa comunidade branca, que durante décadas cresceram educados de acordo

com a filosofia do poder minoritário racial, também depressa se transformou aceitando o princípio da unidade e da reconciliação. Isso surpreendeu muitos de nós que não sabiam ser possível essa transformação.

Atingida a paz e segurança no país a nossa tarefa principal será a do restabelecimento da vida normal dos desalojados assim como a reconstrução nacional no processo geral da transformação sócio-económica.

Acreditamos, no entanto, que quaisquer que sejam os nossos planos e programas, eles têm que tomar em conta a realidade de que a economia do Zimbabwe não pode nunca existir isolada por mais sofisticada que seja a sua infraestrutura e a qualidade e quantidade dos seus recursos. A nossa economia necessita de mercados externos para os excedentes da sua matéria-prima e produtos aqui manufacturados assim como necessita de fornecedores de maquinaria e outros equipamentos que o Zimbabwe ainda não produz. Assim, acreditamos firmemente no estabelecimento de relações económicas com outros países na base do benefício e assistência mútuos. Para nós, no entanto, o reforço dos elos económicos com os nossos vizinhos constitui questão prioritária.

É neste contexto que o Povo do Zimbabwe recebe a sua visita. Se ontem demo-nos as mãos na nossa luta comum pela liberdade nacional e independência, como não continuar hoje a trabalhar juntos por uma luta social e económica nacional comum? (APLAUSOS) «A LUTA CONTINUA» assume agora uma nova dimensão. A Luta Continua agora não nas frentes militar e política como ontem mas sim na frente económica. Por isso antevemos desta visita um resultado duplo; em primeiro lugar, a oportunidade para recebermos, saudarmos e ovacionarmos os nossos irmãos e amigos moçambicanos; em segundo lugar, a oportunidade de nos unirmos através de um acordo bilateral que permita a exploração dos nossos recursos nos campos do esforço económico onde isso seja possível. Se os nossos rios, florestas, montanhas, para não mencionar os agrupamentos étnicos do nosso povo, nos unem, não vejo quaisquer obstáculos no caminho da nossa unidade económica. (APLAUSOS)

Com satisfação constatamos que a Constituição da República Popular de Moçambique defende o princípio da cooperação económica com outros estados. A nossa Constituição também permite à República do Zimbabwe chegar a acordos económicos e de outro tipo com outros estados. Se somos idênticos neste aspecto concretizemos então a cooperação para bem dos nossos povos.

Sua Excelência, permita-me mais uma vez dizer OBRIGADO sete milhões e meia de vezes pela sua amizade e solidariedade. Obrigado por ter vindo satisfazendo assim o grande desejo do nosso povo em vê-lo. E obrigado por ter trazido consigo a Camarada Graça Machel.



# sangue vermelho, leite branco

Creio que foi no segundo dia da visita que o pensamento anti-racista do Presidente Samora começou a ser entendido por aqueles zimbabwianos que durante os anos da luta armada viveram sob a influência directa do racismo institucionalizado do regime rodesiano.

No primeiro dia, à noite, durante o banquete oferecido pelo Presidente Banana, o substracto anti-racista da filosofia social da FRELIMO percorria de lado a lado o discurso de Samora Machel mas o formalismo do ambiente e a enorme quantidade de pontos de interrogação sobre a figura de Samora Machel encobriram consideravelmente o sentimento que o discurso pretendia comunicar. Mas, no dia seguinte, sim.

Ao fim da tarde voltámos de Fort Victoria num avião Dakota, um dos muitos que carregaram soldados para o lado de cá nas incursões destruidoras do exército rodesiano. No desconforto dos bancos de lona corridos, jornalistas do Zimbabwe, de Moçambique e de outros países fomos peremptoriamente informados de que nessa noite o Presidente Samora Machel e o Primeiro-Ministro Robert Mugabe iriam ter um jantar íntimo pelo que a Informação não seria bem-vinda. Já passava das 20 horas quando recebemos no Hotel a informação de que se a imprensa se apressasse poderia estar presente no tal «jantar íntimo» no «Hotel Ambassador». Afinal de contas os convidados eram mais de 300 e portanto, o lado íntimo da cerimónia nada tinha a ver com o seu tamanho. Tinha, isso sim, a ver com o facto de, nessa noite, Moçambique ter conseguido, no Zimbabwe espelhar-se como o país que já deu os passos mais decisivos para transcender a pigmentação dos homens.

Depois do discurso de Robert Mugabe fizeram-se os brindes habituais. Então, sem papel na mão, o Presidente Samora começou a falar.

«Na História da Humanidade há homens loucos que envolvem povos em lutas que por vezes assumem formas raciais», disse Samora Machel. E exemplificou: «Hitler... Idi Amin... Bokassa... Macias Nguema... Reza Pahlevi».

Atrás de mim estavam dois antigos membros do gabinete ministerial de Ian Smith acompanhados pelas suas esposas. Espalhados pela sala outros brancos que hoje fazem a difícil transição cultural para a cidadania zimbabweana.

A princípio frieza. Lá nos confins das suas mentes organizadas pela propaganda racista rode-

siana estava, com certeza, a imagem de um homem que fora retratado com os adjectivos que normalmente acompanham a noção de barbárie. Samora Machel não era propriamente gente, talvez quanto muito, um enviado do limbo desconhecido mas certamente com um pé bem enraizado nas gargalhadas infernais do Diabo.

A pouco e pouco essa imagem foi-se esfumando. O facto de Samora Machel ter relacionado Hitler e Idi Amin deve-lhes ter dado a primeira ténue perspectiva de uma análise desracializada. Depois, creio que compreenderam.

Com um gesto que abarcou a sala Samora Machel disse: «É isto o que o Povo do Zimbabwe quer, é precisamente o que estamos a fazer hoje, vários continentes reunidos aqui no Hotel Ambassador».

Palmas. Os olhos de algumas pessoas abriram-se. Ainda as palmas soavam quando o Presidente Samora completou a ideia: «O sangue que corre nas veias de todos os homens é vermelho». Depois sorriu, abanou a cabeça, levantou o dedo e desenhou outra imagem: «O leite de uma mãe negra é branco como o leite de uma mãe branca». Foi uma questão de segundos. Os que haviam entrado para aquela sala com frieza juntavam-se agora entusiasticamente às palmas dos restantes.

O pano de fundo deste imprevisto era a problemática questão «minoría branca». Apesar de os brancos no Zimbabwe terem um passado que não foi marcado pela propaganda do pertencer espiritualmente a uma metrópole europeia, a uma «mãe Pátria», como aconteceu com os portugueses em Moçambique, a transição não está a ser fácil.

No dia da chegada de Samora Machel a Salisbury havia centenas de crianças brancas nas ruas agitando bandeiras zimbabweanas e moçambicanas. Algumas dessas crianças atravessam um mundo de duas metades. De um lado a escola onde convivem com crianças de todas as raças e onde aprendem os slogans da luta armada. Do outro lado a casa, o mundo fechado das relações sociais determinadas pela cor da pele. E os problemas políticos e psicológicos de uma transição entram portas adentro. Há tempos um polícia branco escreveu para o jornal «HERALD», indignado, porque o seu filho chegara a casa e lhe perguntara se ele, o pai, era o «inimigo».

Uma coisa é certa: hoje no Zimbabwe a mistificação racial tem cada vez menos peso, quer nas análises sociais, quer na consciência popular. Fica aberto o longo caminho para o crescimento da consciência de que a contradição de fundo é entre exploradores e explorados. Novas alianças de classe se formam hoje no Zimbabwe para além das antigas determinações de carácter racial. É neste contexto que se pode dizer que o Zimbabwe está já numa fase qualitativamente superior.



# Bulawayo dia 6



O galo, símbolo da ZANU-FP



# Bulawayo dia 6

O dia encoberto, chuvoso e de vento semi-gélido contrastava com a vivacidade das 25 mil pessoas concentradas no estádio de Barbourfields à espera da chegada do Presidente Samora Machel que nessa altura almoçava na casa do governo fora da cidade.

Durante todo o percurso da casa do governo para o estádio Samora Machel foi alegremente sa-

uido por milhares e milhares de crianças e jovens que formavam muralhas humanas compactas nos dois lados da estrada vestidos nos seus uniformes escolares.

Quando a comitiva presidencial entrou no estádio eu e o Vasconcelos olhámo-nos boqueabertos; o barulho que aquela gente começou a fazer parecia proveniente de



**Chegada a Bulawayo**

**A caminho de Barbourfields**





centenas de milhar de pessoas. Um som sibilante crescia, crescia, culminando com o estrondo redondo de um «AAHHHH!!!» maciço no momento em que Samora Machel e Robert Mugabe saíram do carro.

Depois foi festa, uma homenagem de canções e danças, majorettes e músicos. As fotos falam por si.



**Majorettes**



**Entrada no estádio**



**Presidente Samora,  
o seu nome  
é pertença de  
todas as casas  
do Zimbabwe.»**

**(Robert Mugabe)**



# o petromilho

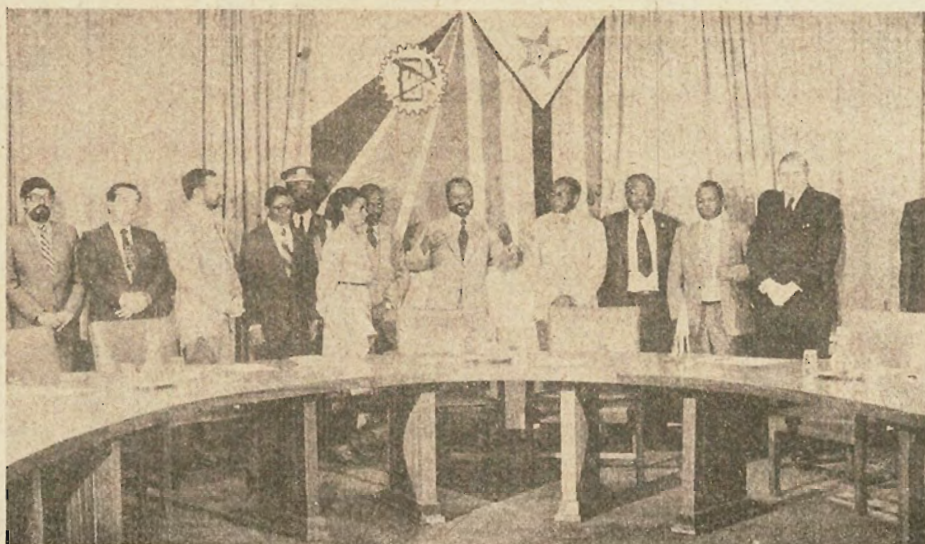
Os acordos assinados em Salisbúria entre os governos moçambicano e zimbabweano, durante a visita de Estado do Presidente Samora Machel, marcaram formalmente o propósito conjunto de complementarizar os esforços de cada um dos países na batalha económica.

São oito os acordos: um Acordo Geral de Cooperação e outro comercial, mais seis nos domínios da Banca, Telecomunicações, Transportes de Superfície, Transportes Aéreos, Energia e Informação.

Sob os princípios comuns de anticolonialismo, antineocolonialismo, antirracismo, e anti-apartheid, anti-sionismo e anti-imperialismo; de aderência aos ideais do Movimento dos Países Não-Alinhados, de desnuclearização do oceano Índico e sua transformação em zona de paz livre de bases militares estrangeiras e imperialistas; e ainda sob os auspícios da Declaração Final da Cimeira de Lusaka de 1 de Abril de 1980, o Acordo Geral de Cooperação assinado em Salisbúria prevê o estabelecimento de uma Comissão Mista Permanente moçambicano-zimbabweana cuja tarefa é acompanhar e dinamizar a execução dos acordos sectoriais já estabelecidos e por estabelecer.

O Acordo Comercial delinea uma série de produtos que o Zimbabwe pode exportar para Moçambique e vice-versa.

Gado bovino, o bife e a carne de vitela, a carne enlatada e outros lacticínios, o milho, o trigo e a farinha de trigo, o tabaco não manipulado, as sementes para plantio e diverso tipo de mercadoria agrícola são parte de toda uma série



**Momentos antes da assinatura do Acordo Geral de Cooperação entre as delegações moçambicana e zimbabweana.**

de produtos que o Zimbabwe pode exportar para Moçambique. Por sua vez o Zimbabwe pode importar de Moçambique peixe, camarão, amêndoa de caju, sal grosso, gasolina e gásóleo, madeira serrada não conífera, travessas para linhas férreas, sulfato de amónio, mármore e outros produtos.

Segundo uma fonte ligada às conversações as duas partes não pretenderam enunciar uma lista exaustiva de produtos mas sim especificar aqueles cujas áreas de actividade podem servir de ponto de partida para o aceleração das trocas comerciais. E, segundo o Acordo Comercial, as duas partes concordaram em facilitar o trânsito de mercadorias dentro dos dois países.

No domínio da actividade bancária Moçambique e Zimbabwe

acordaram em incluir as respectivas moedas nacionais — o metical e o dólar zimbabweano — na lista de moedas cotadas em ambos os países para as transacções em divisas. Ficou também acordado que o Banco de Moçambique abrirá uma conta em dólares zimbabweanos no Reserve Bank of Zimbabwe e este banco, por sua vez, abrirá uma conta em meticais no Banco de Moçambique.

No que diz respeito às telecomunicações será estabelecida imediatamente uma ligação em microndas entre a Beira e Untali. Isto facilitará a expansão das comunicações entre a Beira e Salisbúria. Foi também acordada a feitura de um estudo das possibilidades de expansão da capacidade já instalada em Moçambique e no Zimbabwe para utilização conjunta. Tra-



balhadores de ambos os países do sector das Telecomunicações receberão formação profissional em instituições especializadas já existentes ou ainda por criar.

Quanto aos transportes de superfície ambas as partes acordaram na reposição do material circulante que a Direcção Nacional dos Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique possuía na altura do fecho das fronteiras a 3 de Março de 1976, material esse correspondente às destruições resultantes do apoio que Moçambique deu à luta de libertação no Zimbabwe. O processo de reposição do material já começou. O restante material e equipamento ferroviário será devolvido reciprocamente à National Railway of Zimbabwe e à DNPFC.

Fazem parte do acordo de Transportes de Superfície o estabelecimento a curto prazo do tráfego ferroviário de passageiros e de correio entre os dois países; o envolvimento conjunto em projectos de desenvolvimento tais como a electrificação das linhas férreas, a aquisição de material volante e de tracção e o aumento da capacidade de manuseamento dos portos da Beira e Maputo; o restabelecimento no mais curto período de tempo do funcionamento do «pipe-line» que liga a Beira a Untali e sua utilização para produtos refinados numa primeira fase e posteriormente de «crude-oil»; a preservação e compensação justa pela utilização das infra-estruturas rodoviárias; o estudo da criação de uma marinha mercante para transporte das cargas de importação e exportação dos dois países; a cooperação técnica e científica na planificação e standardização dos sistemas rodoviários comuns aos dois países assim como dos equipamentos ferroviários; e, ainda, a simplificação das formalidades no que diz respeito à movimentação de mercadorias.

Neste momento, a linha férrea Chicualacuala-Maputo já está em funcionamento faltando a reconstrução de 63 quilómetros de linha do lado zimbabweano para que as mercadorias zimbabweanas possam chegar directamente ao porto de

Maputo sem terem que passar pela África do Sul. Dois factores têm servido de impedimento ao funcionamento da ligação Salisbúria-Maputo: a possibilidade de haver minas ao longo da linha junto à fronteira, e o facto de sectores estatais e privados do lado zimbabweano estarem orgânica e psicologicamente dependentes da ligação ferroviária com a África do Sul e, ao mesmo tempo, duvidarem da capacidade e eficiência dos serviços ferro-portuários do lado moçambicano. Para ultrapassar estes impedimentos está previsto para breve uma limpeza da linha e, antes da visita do Presidente Samora Machel, ao Zimbabwe, esteve em Salisbúria o ministro moçambicano dos Portos e Transportes de Superfície, Alcântara Santos, que convidou todas as entidades interessadas a visitarem pessoalmente os portos da Beira e Maputo a fim de eles próprios medirem o grau de capacidade e competência dos serviços ferro-portuários moçambicanos.

Quanto ao Transporte Aéreo, o acordo assinado em Salisbúria estabeleceu a regulamentação do trabalho das empresas de transporte aéreo que operarão de um país para o outro, incluindo o pagamento de tarifas razoáveis e a simplificação dos processos aduaneiros. As rotas para as empresas a designar serão Maputo-Salisbúria e/ou Bulawayo, Beira-Salisbúria e/ou Bulawayo; e vice-versa para a empresa zimbabweana. Não serão concedidos direitos de tráfego à outra parte entre Maputo e Beira, e entre Salisbúria e Bulawayo. Neste momento as Linhas Aéreas de Moçambique têm dois voos semanais, para Salisbúria, um de Maputo ao domingo e outro da Beira à quarta-feira.

No domínio da Energia, Moçambique e Zimbabwe trocarão informações relativas ao desenvolvimento do sector de energia eléctrica tomando em conta o princípio da complementaridade e da utilização racional dos meios humanos e materiais. Os dois países estudarão a melhor forma de optimizar os respectivos recursos hidroeléctricos com particular atenção para a pro-

ductividade das suas bacias hidrográficas contíguas.

Parte do trabalho para a integração das redes de electricidade entre os dois países já começou a ser feito e novas interligações vão ser estudadas em termos de viabilidade.

Nestas conversações Moçambique informou o Zimbabwe de que vai dar início à fase II de Cahora Bassa e ambas as partes concordaram em que é viável utilizar a energia de Cahora Bassa no Zimbabwe.

No campo da Informação o acordo assinado prevê o intercâmbio de informações diárias, programas de rádio e de televisão, filmes, literatura e discos entre os dois países. Dentro das suas possibilidades a Televisão Zimbabweana apoiará o processo de criação da Televisão em Moçambique.

## **UM OUTRO «PETRÓLEO»**

Pouco depois das eleições de Fevereiro deste ano o então governador britânico da Rodésia, Lord Soames, esteve em Maputo. Durante uma recepção que lhe foi oferecida pelo Presidente Samora Machel o Chefe de Estado moçambicano estendeu a Lord Soames um prato de camarões e acompanhou o gesto com as palavras «este é o nosso petróleo».

Por todo o Zimbabwe cresce o milho. Através de um apurado processo de investigação e testes agrícolas há farmeiros que chegam a produzir nove toneladas de milho por hectare.

No imenso vale do Limpopo Junho desabrocha em arroz e nos campos férteis de Buffalo Range espalha-se um imenso tapete de cana.

Mar em Moçambique e montanhas no Zimbabwe; aguda consciência política popular em Moçambique e «know-How» técnico no Zimbabwe. Os dois países complementam-se e a comida pode bem ser o seu petróleo. E sem reservas esgotáveis.



# o potencial económico do Zimbabwe

No final da guerra que assolou o país e que provocou dentro e fora das suas fronteiras cerca de trinta mil mortos, o Zimbabwe tem uma economia que se pode considerar bastante saudável. Pode-se mesmo afirmar que é uma das mais fortes de toda a África.

O país tem produção excedentária de tabaco, citrinos, chá, açúcar, carne de boi. Pode igualmente exportar inúmeros produtos agrícolas e pecuários já manufacturados, para além de ser um importante produtor de minérios, entre os quais se destacam o crómio, o carvão, cobre, asbestos e ouro.

O desenvolvimento das forças produtivas no país é grande e numa breve visita por qualquer das suas cidades isto pode ser comprovado quer em supermercados, quer em lojas de utensílios domésticos, ou de vestuário. O turismo, que estava completamente paralisado devido à guerra, também está em boas condições por que, também em relação a este sector, as ZANLA tiveram o cuidado de não o danificar grandemente.

As perspectivas de desenvolvimento do sector agrícola, mineiro e industrial são enormes, e o Governo tem programas que parecendo muito aventureiros para aqueles que desconhecem as realidades daquela economia, são absolutamente necessários e economicamente viáveis. E é dentro deste esquema que o Governo, dirigido pelo Primeiro-Ministro Robert Mugabe, tem feito apelos para investimentos no país da ordem de um bilião de dólares americanos, ou seja cerca de 33 biliões de meticaís.

É certo que o governo zimbabweano tem problemas pequenos



**Presidente Samora Machel visita fábrica de produção de etanol em Triangle**

e grandes a resolver. Uns são de ordem interna e outros de ordem externa, mas para todos eles pode haver soluções uma vez que, por um lado o Governo conta com um Estado extremamente eficiente, desburocratizado e conhecedor profundo das realidades económicas do país e, por outro, o país conta com um Governo que tem o inteiro apoio político do Povo zimbabweano.

Para o Zimbabwe independente e soberano há problemas que têm de ser confrontados e vencidos. Têm de ser resolvidos. Uns, os de natureza externa, encontram toda a população, desde os accionistas e donos de fábrica ao trabalhador rural ou operário, disposta a resolvê-los. Outros, os de natureza interna, merecem soluções políticas acima de soluções meramente administrativas.

## A QUESTÃO DA DEPENDÊNCIA À ÁFRICA DO SUL

No primeiro dos casos, referimo-nos ao problema da dependência que o país herdou da África do Sul. É uma dependência grande em matéria de exportações, mercados, técnicas e técnicos, para além de uma avultada dívida de cerca de 800 milhões de meticaís devido aos financiamentos da guerra feitos pelo regime do apartheid.

A dependência não foi escolhida pelos rodesianos. Foi-lhes imposta e por ela pagaram e estão a pagar bem caro. Mas o que não há dúvida é que existe em Zimbabwe um grande recentimento por essas relações de dependência com a África do Sul — umas estritamente de carácter económico, outras de carácter político, todas elas referentes ao passado.



Por exemplo, as taxas que os rodesianos tinham de pagar pelos transportes ferroviários eram muito acima daquilo que é praticado internacionalmente. Nas importações, essas taxas-extra também eram aplicadas. Por exemplo, os rodesianos pagavam, sem poderem refilar, mais 40 mil meticais por cada viatura que compravam à África do Sul. Se as pudessem importar da Europa, essa taxa não existiria. Pagaram, mas agora já não têm de o fazer.

Contaram-me a este propósito uma história muito engraçada. Quando Kissinger veio à África do Sul em 1976 para «resolver» a questão rodesiana, Vorster prometeu-lhe pressionar Smith a aceitar o princípio de «governo de maioria». Vorster chamou Smith e repetiu-lhe o que ele tinha de aceitar. Smith zangou-se e disse a Vorster que isso era uma chantagem pois que a África do Sul não reconhecia esse «Governo de maioria para a Namíbia». Vorster deu a Smith um prazo que Smith não cumpriu e então, os transportes ferroviários passaram a andar a passo de camaleão para as exportações e importações rodesianas. Smith cedeu e, cabisbaixo e humilhado, foi à sua televisão anunciar que «aceitava um governo de maioria para a Rodésia».

Estas coisas, estes factos, foram esquecidos. Os rodesianos que hoje são zimbabweanos não se esqueceram delas. Uma custaram-lhes o seu orgulho, outras custaram-lhes a dependência da economia do seu país.

## OUTROS PROBLEMAS

Mas há outros problemas para a economia do Zimbabwe. Eles dizem respeito essencialmente às relações de trabalho, e ao problema da terra. De um lado, os salários são na sua generalidade muito baixos e a participação dos trabalhadores na economia está reduzida à venda da sua força de trabalho. Por outro lado, existe ainda o problema da terra, o problema de milhares de famílias que têm de produzir a sua ali-



**Shamva Mine, uma das centenas de minas em actividade. 480 milhões de dólares previstos para 1980**



mentação em terrenos inférteis, em terrenos que podem ser comparados às zonas desérticas do nosso país.

Para este tipo de problema as soluções são de carácter eminentemente político. Fazer compreender a uns que os frutos da liberdade não são para serem colhidos e saboreados num só dia e, a outros, que terminou a época em que era protegido aquela que não respeitava os direitos dos trabalhadores.

### ALGUNS NÚMEROS

Com o país vivendo numa situação de paz e de reconhecimento internacional, o Governo eleito em Março deste ano para dirigir e administrar o Zimbabwe independente, tem de certo modo as suas tarefas facilitadas.

Com efeito e como resultado dessa nova situação, que é o fruto dos sacrifícios consentidos pelo povo durante a Luta Armada, o país está a atravessar uma fase de verdadeira expansão económica. Um dos resultados mais visíveis é o facto de as suas exportações terem aumentado, desde o momento em que foram levantadas as sanções económicas, em 30 por cento.

A indústria que vivia numa situação de dificuldades de equipamento já renovou 23 por cento do total do seu parque de máquinas. Ao nível da indústria mineira as exportações não só aumentaram, como ainda «choveram» investimentos que podem aumentar a sua capacidade produtiva e de oferta de empregos.

Ao nível da indústria do tabaco, o Ministério da Agricultura e a Associação dos Farmeiros pensam que nos próximos dois anos podem ser criados cem mil empregos. Ao mesmo tempo, o Governo tem programas para a instalação em novas terras de famílias camponesas que actualmente vivem nas chamadas «Terras Tribais».

No sector de minas, onde no ano passado foram atingidos os 315 milhões de dólares rodésianos, correspondentes a mais de um bilião e 500 milhões de me-

ticais. Espera-se que este ano esse montante suba até 480 milhões de dólares ou seja, mais de 2 biliões e 400 milhões de meticais.

Os principais minerais em exploração são como dissemos o crómio, o carvão, cobre, níquel, asbestos e ouro, de entre quarenta outros de que também se faz a exploração. É de salientar que as principais produções não são exportadas em bruto, casos do crómio, e cobre.

Com grandes potencialidades económicas, o Zimbabwe tem todas as possibilidades de dentro de poucos anos se transformar num dos países mais poderosos de todo o nosso continente. O Governo tem, por estas razões, a ideia de combinar o desenvolvimento económico do seu país ao desenvolvimento das condições de vida do seu povo.

Para o desenvolvimento económico e para as perspectivas que existiam no seio dos economistas zimbabwianos, havia duas questões centrais que deveriam ser ultrapassadas. Elas dizem respeito ao problema da energia e transportes.

Um e outro problema têm neste momento, em que o país vive em paz e é membro da Comunidade Internacional, as suas soluções. Para a questão da energia principal problema económico durante o período da guerra, há agora a possibilidade de importar petróleo e seus derivados sem quaisquer restrições, para além de ser possível e rentável a construção de centrais de produção de energia eléctrica. Para a questão dos transportes o Zimbabwe tem também agora acesso ao mar por rotas ferroviárias que, além de serem mais curtas e baratas, são politicamente mais seguras.

O país tem deste modo a possibilidade de vir a desempenhar um papel importante para a co-operação regional na África Austral, o qual, aliás, já lhe foi conferido pela Cimeira Económica de Lusaka.

Produtor excedentário em alimentação, o Zimbabwe tem como tarefa nesta zona da África Austral não só produzir alimen-

tação como ainda colaborar na solução de problemas de falta de alimentação na região. Para desempenhar este papel o Zimbabwe conta não só com óptimas infra-estruturas como ainda tem capacidade de produzir das melhores sementes, caso do milho, as sementes zimbabwianas são classificadas como das melhores do mundo, podem garantir a produção de 14 toneladas de milho por hectare.

Mesmo ao nível das pescas este jovem país consegue exportar peixe. Somente com o lago da barragem Kariba e com alguns rios onde é pescada a famosa truta de Inyanga, os zimbabwianos conseguem fornecer o seu mercado interno e ter excedentes para exportação.

No campo da pecuária o Zimbabwe tem igualmente enormes potencialidades e o seu «beef» é considerado como um dos melhores do mundo. Com vários milhões de cabeças de gado o país é ainda capaz de produzir vacinas e medicamentos utilizados na pecuária.

Na indústria de produção de sobressalentes, indústria que cresceu e foi dinamizada na resistência contra a aplicação das sanções, os zimbabwianos podem igualmente vir a desempenhar um papel de relevo nesta zona. Como exemplo, citamos o caso dos transportes ferroviários, campo em que o Zimbabwe é auto-suficiente na produção de peças para os seus comboios a vapor.

As potencialidades do país são grandes. Elas existem e podem hoje, como resultado do sangue derramado, do sacrifício e da vontade e certeza daqueles que nunca se vergaram no apoio e na execução das tarefas da Luta Armada, servir não somente a República do Zimbabwe, mas toda a região da África Austral.

Tudo tem o seu plano, cada plano obedece a uma estratégia que, sendo justa, sempre produz resultados que servem a humanidade e a felicidade dos povos. Hoje Zimbabwe é esse fruto da luta, do sacrifício, do sangue. Não foi em vão.





# entrevista com Robert Mugabe

---

## balanço de quatro meses de independência

---

Robert Mugabe afirma que «em todas as direcções fizemos avanços». A paz foi estabelecida, foram vencidas dificuldades e ultrapassados enormes obstáculos. O Zimbabwe vive agora os primeiros tempos do seu processo de reconstrução dirigido por um Governo que procedeu a importantes mudanças no país que abriram novas perspectivas políticas, sociais e económicas à sociedade zimbabweana e à África Austral em geral.

Ter estabilidade, ter e manter a paz dentro e fora das suas fronteiras, complementar os programas de reconstrução económica com a cooperação económica regional é uma prioridade que o Primeiro-Ministro Mugabe define como fundamental. Mas outras questões de importância são por ele abordadas, nomeadamente no campo das relações entre partidos políticos, o problema dos dissidentes, os programas do seu Governo nos campos da educação saúde e justiça.

Com a serenidade que caracteriza as suas análises políticas e que projectou a sua figura no processo de libertação do Zimbabwe e no Continente africano como destacado líder político, o Primeiro-Ministro Robert Mugabe concedeu-nos uma entrevista onde faz o balanço dos primeiros quatro meses da Independência do seu país.



**ALVES GOMES** — Senhor Primeiro-Ministro, o governo que dirige tem agora quatro meses de experiência na direcção do Zimbabwe livre e independente. Quais foram para si as principais conquistas feitas neste período?

**ROBERT MUGABE** — Quando formámos o Governo a nossa principal preocupação era alcançar a paz e estabilidade no país. Isto requeria que integrássemos as nossas forças (militares) e começássemos a formar o exército nacional. Ao mesmo tempo, planeámos reinstalar as pessoas que tinham sido despropriadas pela guerra, restabelecer os serviços sociais nos campos da saúde e educação e reconstruir a economia. Também tínhamos em mente dar mais empregos a africanos no serviço público. As condições melhoraram.

**A.G.** — E fizeram-se avanços consideráveis?

**R.M.** — Em todas as direcções fizemos avanços. Temos uma situação de paz e calma relativas. As pessoas começam a poder ter as suas actividades normais do dia-a-dia, com excepção para alguns incidentes que estão a ter lugar em algumas áreas mas que estamos a controlar. No que respeita à paz, alcançamo-la.

Também estamos a formar o exército nacional. Desde 8 de Agosto que formámos um batalhão saído das ZANLA, ZIPRA e ex-exército rodesiano. A rapidez da formação do exército não tem sido a melhor, mas estamos a tentar alterar o seu curso.

No que respeita ao reinstalamento da população (refugiados de guerra e pessoas a viverem em campos de concentração) estamos a andar bastante depressa e temos programas em inúmeras áreas. Na zona de Gutu o Estado adquiriu um certo número de farmas que estão a ser distribuídas e em outras zonas continuamos com este processo. Essencialmente, estamos concentrados nas áreas atingidas pela guerra. Contudo temos agora de andar depressa, uma vez que está próximo o novo ano agrícola.

**A.G.** — Um dos grandes problemas das vossas zonas rurais é o das infra-estruturas da educação e saúde...

**R.M.** — No que respeita à educação já anunciámos que a partir de 1 de Setembro o acesso às escolas primárias será livre em todo o país. Pensamos que isto é uma grande conquista.

Mas não é a única coisa que está a acontecer. Muitas escolas têm sido abertas onde antes (até à Independência) estavam fechadas e mais professores estão a ser recrutados para os serviços de onde outros saíram.

No que respeita à saúde, também em breve anunciaremos um serviço de saúde livre.

Portanto, ao nível dos nossos serviços sociais fizemos grandes conquistas. No serviço público temos a orientação política de acabar com o desequilíbrio racial que foi criado pelo regime anterior e a tarefa está a avançar com a nomeação de africanos para os serviços públicos. É claro que eles não serão os únicos, pois há brancos que serão igualmente nomeados. Temos de levar a cabo este processo de tal

maneira que possamos responder ao que é requerido pela constituição...

No sector privado temos insistido para que as condições de trabalho sejam melhoradas e implementado o salário mínimo. Para o efeito, temos uma Comissão a estudar a relação entre salários e preços.

Esta Comissão irá sistematicamente estudando todo o inteiro processo das condições de trabalho, salários, relacionamento dos preços dos produtos com salários, etc.

Acreditamos que temos feito o nosso melhor. Temos dado incentivo aos fazendeiros para que produzam mais comida e variem as suas produções numa mais larga escala que a anterior. Fizemos isto conscientes da tarefa que nos foi dada pela Conferência de Lusaka na cooperação regional económica para planearmos e garantirmos a conservação de comida para toda a região.

**A.G.** — Ainda antes de ter nomeado o Governo que agora dirige, o sr. Primeiro-Ministro disse-me que certas estruturas do Estado deveriam ser mudadas. O que tem sido feito a este nível?

**R.M.** — Claro que há certas instituições que queremos mudar. Outras, queremos construir ou reconstruir internamente. É o que estamos a fazer no serviço público, no exército, em empresas para-estatais. Queremos estabelecer alguns desses corpos assim que tenhamos completado o nosso trabalho de reestruturação de acordo com os ministérios.

Não podemos dizer que até este momento cada instituição tenha sido examinada cuidadosamente. Os corpos para-estatais ainda existem embora já tenhamos concluído que alguns não precisam de alterações, quanto aos seus objectivos. O que é preciso é alterar a sua representação, de forma a reflectir os desejos do povo e de um Governo de maioria.

**A.G.** — Durante a Luta Armada a ZANU e as ZANLA criaram estruturas nas zonas que controlavam. Como reconciliar essas estruturas com as que encontraram agora no Estado criado pelo regime anterior?

**R.M.** — Tínhamos bastantes estruturas nas áreas libertadas e algumas delas ainda já estão, mas ao nível do Partido. Tínhamos estabelecido comités que administravam essas zonas, mas agora que somos Governo esses comités devem-se submeter ao Governo, ou darem lugar a estruturas do Estado que sejam criadas e estabelecidas.

No nosso ponto de vista, temos o Estado com a autoridade central, mas deve haver também uma autoridade local. É nisto que temos estado a trabalhar por forma a que o povo possa decidir e escolher as suas instituições locais com o objectivo de administrar os seus problemas. Queremos ver participação do povo no Governo a todos os níveis: ao nível da localidade, aldeia, distrito e província.

**A.G.** — Quais são as principais mudanças em estruturas como a polícia e a justiça?

**R.M.** — Nada em especial foi feito a esse nível no que respeita a mudança. Os tribunais são os mesmos, mas também não queremos os chamados tribu-





nais de Canguru (tribunais ditos populares, onde reina a anarquia de decisões).

A principal preocupação para o Ministério da Justiça é o sistema judicial que afecta as áreas rurais. Estamos a destruir o sistema anterior que depende dos Comissários Distritais (administradores). Vamos criar em seu lugar tribunais que terão em conta aspectos tradicionais e modernos da justiça.

Queremos criar este sistema o mais breve possível. Por exemplo, um Tribunal de Aldeia será constituído por aldeões que não serão necessariamente os mais velhos, ou por pertencerem a um determinado clã, ou a um certo grupo étnico, mas aqueles que serão escolhidos pelo povo. Depois, teremos os tribunais de comunidade. Aqui, nos casos onde o chefe tradicional for aceite pelo povo será o Presidente, mas nos casos em que ele não for aceite, ele não será imposto. Contudo e em vez de ele ter os seus familiares no tribunal, vamos assegurar que haverá pessoas escolhidas pelo voto popular.

Estas são as ideias que temos. Ainda não as adoptámos como política do Governo, mas é este o pensamento nos Ministérios da Justiça e Governos Locais, onde se está a trabalhar sobre o assunto.

**A.G. — Como referiu na sua segunda resposta, o Governo tem tido que resolver o chamado problema dos dissidentes. De que é que resultam estes grupos de dissidentes?**

**R.M. —** A guerra é um processo revolucionário que cria e recria, mas também rejeita certos elementos. É um processo formativo.

O curso da guerra criou certos elementos que nunca foram disciplinados e então você tem pessoas que são foras-da-lei que recusam aceitar ordens dos seus comandantes das ZANLA e ZIPRA e que têm cometido crimes.

Este é um dos aspectos. Outro aspecto, é que temos pessoas que estão frustradas porque o processo de integração (das forças) não foi tão rápido como deveria ser. Devido a isso, meteram-se na bebida, roubos e outros crimes, porque a situação em que se encontravam agravou a sua maneira de ser.

Há finalmente os elementos que não aceitam a derrota (eleitoral). Esperavam que o seu Partido vencesse (as eleições), o que não aconteceu. Nós é que ganhámos.

Por isto, têm tentado opor-se aos programas do Governo e mobilizar apoios contra o Governo. Assim, onde as pessoas expressam a sua lealdade ao Governo estes elementos atacam-nas e tomam medidas contra tais populações.

Em nenhum dos três casos mencionados os números são grandes e estamos satisfeitos que a situação tenha sido conhecida e esteja a ficar sob contrôlo. Na sua maioria as forças (de guerrilha) são obedientes, havendo pequenos incidentes de tempos a tempos quando grupos maiores saem dos campos (de acomodação) para se recrearem nas zonas rurais. Mas a maioria, e há agora 33 mil (nos campos de acomodação), são obedientes.

**A.G. — Quantos são os dissidentes?**

**R.M. —** Provavelmente oitocentos.





**A.G. — Recentemente foram reportados alguns incidentes, talvez só verbais, entre certos membros da ZANU e ZAPU. Pensa que estes incidentes podem afectar as relações dos dois partidos, ou possam pôr em causa a aliança ao nível do Governo?**

**R.M. —** As relações são boas porque se indivíduos se confrontam não significa que haja más relações. Há incidentes entre certos membros ordinários (dos dois partidos) que criam preocupações — uma questão intolerante que demonstra que a disciplina do Partido tem de ser reforçada.

O que acontece é que onde a ZANU é forte, não tolera a presença de outros partidos e onde a ZAPU é forte, não tolera o trabalho de outros partidos. Daí que infelizmente tenham lugar estes incidentes. Penso no entanto, que esta não é a regra. Há mais excepções do que a regra.

Os incidentes provocados pelas afirmações de certos dirigentes dos Partidos não reflectem nenhuma séria situação de conflito entre os dois partidos. Penso que é uma questão que pode ser resolvida com efectividade.

Na nossa coligação (governamental) acho que todos e cada Ministro está a fazer o seu melhor para implementar a política que anunciámos e as relações de trabalho são muito boas.

**A.G. — Tem havido reportagens de imprensa muito sensacionais sobre a saída de população branca do Zimbábue. O que há de verdade nessa informação?**

**R.M. —** Eu não penso que a população branca esteja a sair em tão grande número. É verdade, alguns estão a sair porque estão com medo, receosos de que o seu futuro seja afectado arduamente.

Penso contudo que na sua maioria vão ficar. Isto não quer dizer que aqueles que estão a sair devem sair. Mas temos de reconhecer que quando vencemos as eleições a comunidade branca ficou chocada porque, para os seus projectos, venceu o pior dos partidos. Então, pensaram que a nossa política seria de destruir os brancos como um grupo efectivo, que tudo ia ser antibranco e que íamos-lhes contrapor a política seguida pelo regime de Ian Smith.

Alguns nunca se recuperaram disso e saíram do país, mas a maior percentagem decidiu «ficar para ver» as coisas por eles próprios. E penso também que a maior parte ficou bastante surpreendida, ou surpreendentemente chocada, por verem que a nossa atitude era oposta àquela que eles pensavam que seria.

**A.G. — Mas mesmo assim tem havido certas resistências...**

**R.M. —** Há sempre elementos que não querem ver nenhuma mudança a serem feitas, particularmente no que respeita a aceitarem a criação de lugares a serem preenchidos por pretos. Quanto aos racistas não nos importamos que partam, mas aqueles que quiserem ficar a servir o país vamos tratá-los justamente na mesma base a que todos têm direito.

**A.G. — Do ponto de vista das vossas relações internacionais, quais são os passos dados durante estes quatro meses?**

**R.M. —** Estamos orgulhosos por termos sido aceites internacionalmente: em África já somos um membro da OUA, no que respeita às Nações Unidas somos agora um membro, o 152.º membro. Fomos ainda admitidos em várias agências das Nações Unidas e somos membro do Movimento dos Não-Alinhados. Fizemos o melhor por ter este país sido aceite pela Comunidade Internacional. Em termos de relações bilaterais e multilaterais ainda não estabelecemos missões diplomáticas pelo mundo, embora outros países já as tenham aqui (em Salisbúria). As relações são boas com quase todos os países, excepto com a África do Sul. Somos parte do mundo e o meu país tem agora o direito a escolher com quem quer estar associado.

Economicamente, estamos a associar-nos ao Mercado Comum Europeu através da Convenção de Lomé. Acreditamos que isto nos abrirá o mercado europeu para os produtos que aqui produzimos.

Esperamos também intensificar as nossas relações com os países socialistas e queremos que as amizades que estabelecemos durante a Luta Armada sejam consolidadas. Já enviámos missões para a China, Jugoslávia e Roménia e esperamos receber em breve uma delegação da Bulgária.

**A.G. — Ainda durante a luta de libertação as potências ocidentais vinham prometendo ajuda financeira em troca de uma solução pacífica, mas segundo vários elementos do Governo essa ajuda é ainda muito pequena. Tem esta promessa sido posta em prática?**

**R.M. —** Desde 1977/78 que nos prometeram ajudas dos países ocidentais, especialmente, Estados Unidos (da América), para promover programas de repovoamento e desenvolvimento agrícolas. Essa ajuda não tem sido dada.

Foi na base dessa prometida ajuda que acordámos (em Lancaster House) com as cláusulas da Constituição no sentido de compensarmos os fazendeiros brancos das terras que fossem necessárias adquirir. Agora, temos de olhar para outras formas de levar a cabo este comprometimento e somos levados a acreditar que a Inglaterra e Estados Unidos e outros países serão persuadidos a apoiar este programa com a criação de um fundo de um bilião de dólares (apro-



ximadamente 33 bilhões de meticais) para os programas de repovoamento e desenvolvimento agrícolas. Até este momento não temos muito: cerca de 200 milhões de dólares (menos de 7 bilhões de meticais) dos Estados Unidos e Inglaterra. A Alemanha Federal vai-nos dar 50 milhões de marcos e depois temos pequenas quantidades fornecidas por outros países.

Como vê, isto é muito pouco dinheiro para as necessidades que temos em reconstruir a nossa economia. É por isso que pensamos que os países ocidentais, que se comprometeram a apoiar-nos, nos estão a criar esta dúvida.

A.G. — Senhor Primeiro-Ministro, o seu país pode ter um papel importante na cooperação regional nesta zona, de acordo com aquilo que a Conferência Econômica de Lusaka definiu. Como é que vê o desenvolvimento dessa cooperação, tomando em conta as realidades e condicionalismos impostos pelas diferentes economias da região?

R.M. — Em primeiro lugar, temos relações bilaterais com Moçambique. Eu e o Presidente Samora já discutimos sobre as áreas de cooperação e sobre a necessidade dessa cooperação. Mais do que isso é preciso concretizar os objectivos gerais o mais cedo possível, de forma a traduzir os nossos pensamentos e princípios em programas práticos.

Acredito que Zimbabwe é Moçambique, sendo geograficamente ligados e tendo relações históricas e técnicas, portanto, estando ligados pelo passado, não se podem evitar um ao outro. Apesar do que quem quer que seja possa dizer, o nosso ponto de vista é que temos de ser interdependentes um do outro.

Nós já usamos as rotas que Moçambique tem para o mar e queremos que elas sejam revigoradas tão cedo quanto possível.

Eu acredito que as áreas em que esta cooperação tiver lugar, e não falo só dos transportes, mas do comércio, minas e agricultura, podemos compartilhar ideias, técnicas e comparar as nossas situações. Assim, com o avanço do tempo, poderemos construir uma espécie de modelo em relação aos dois países em benefício dos dois povos.

Com certeza que vemos que temos vizinhos nesta região — Botswana, Zâmbia e Zaire —, vizinhos que utilizam as mesmas rotas que nós e se pudermos desenvolver formas de cooperação regional que incluam mais países para além daqueles que eu mencionei — Angola também é um país relevante, Lesotho, Suazilândia, Malawi —, creio que essa cooperação pode dar origem a um sistema que crie um Mercado Comum nosso e assegurar que haja comércio entre nós antes de o haver com outro qualquer.

Para que isto venha a acontecer é também importante ter em conta as telecomunicações. Em alguns casos é mais fácil telefonar para a Inglaterra ou Portugal do que enviar uma mensagem para a Tanzânia. Temos de desenvolver o nosso sistema de telecomunicações. Não posso ver como faremos o comércio, ou mesmo como faremos funcionar o sistema de transportes, sem sermos apoiados pelo sistema de telecomunicações.





# as raízes da unidade

Poucos dias antes de o Presidente Samora Machel chegar ao Zimbabwe, para ali iniciar a sua histórica visita, tive oportunidade de estar uma noite em casa de um dos dirigentes zimbabweanos. Os pais de Edison Zvobgo, o Ministro da Habitação e Governos Locais, tinham chegado essa tarde a Salisbúria e vinham propositadamente da sua aldeia, algures perto de Fort Victória, para a visita do «nosso Presidente Samora» como me disseram.

Um velho de quase 80 anos, acompanhado pelos dois filhos mais novos, tinha vindo para ver aquele «que deu abrigo ao meu filho lá em Maputo». Maputo, Moçambique, Samora Machel. Povo moçambicano, a Luta Continua, Viva FRELIMO eram palavras que o velho, no meio das nossas risadas de boa disposição, pronunciava em português. Ele terminava em pronunciá-las na nossa língua oficial e com orgulho dizia que tinha aprendido isso «ouvindo a Rádio Maputo».

Falámos longamente a mesma conversa que em Janeiro deste ano eu tive oportunidade de falar com muitos cidadãos zimbabweanos no momento em que os dirigentes da Luta Armada chegavam para participar nas eleições. Foi nessa altura que, confrontado com a realidade, tive oportunidade de constatar os profundos laços de amizade e solidariedade que existem entre moçambicanos e zimbabweanos.

É que, para os moçambicanos, a solidariedade com os combatentes da luta armada tornou-se parte da sua vida, tinha-se assumido este gesto tão profundamente, que ninguém pensava na reacção que isso provocou nos nossos irmãos

que em Zimbabwe viviam directamente na pele as dificuldades da guerra, a opressão e discriminação.

Desde Janeiro deste ano que tínhamos tido oportunidade de verificar o respeito, a admiração e até orgulho, que a presença de moçambicanos em Zimbabwe provocava entre os seus cidadãos. Era no Hotel o empregado que pedia para ver um jornal ou revista e consequentemente perguntava se podia recortar a fotografia do nosso Presidente. Era a mulher na loja que saía de trás do balcão para «ajudar a escolher» um produto para o amigo de Moçambique. Era a senhora branca que ficava alarmada quando dois moçambicanos, um preto e um branco, tratavam-se de igual para igual, ou quando o branco manifestava respeito ao seu responsável.

Esta amizade que em qualquer parte do Zimbabwe é possível constatar em relação aos moçambicanos tem as suas raízes. Diríamos que é uma árvore de amizade e solidariedade já velha, mas robusta, frondosa.

É uma amizade que vem da resistência à penetração colonial portuguesa. É cultura e civilização comum que vem do tempo do reino de Monomotapa. É resistência que vem dos combates que o guerreiro zimbabweano Mapondera travou em terras de Catandika contra o português Gouveia, ao lado do guerreiro moçambicano Makombere.

Nos primeiros tempos não havia fronteiras e, zimbabweanos pagavam tributo a Monomotapa da mesma maneira que moçambicanos eram chefiados pelos zimbabweanos. Nos tempos de Mapondera as coisas eram já diferentes. Os portugueses já estavam instalados, já tinham demarcado fronteiras e já existia a colónia portuguesa de Moçambique e a colónia britânica da Rodésia do Sul.

A história da aliança de Mapondera a Makombere em resistência armada aos portugueses é talvez o exemplo mais comprovativo do passado mais recente, da aliança

feita na Luta Armada entre os dois povos. Mapondera saiu do Zimbabwe para não confrontar o poderoso exército de Rhodes, mas veio para Moçambique ajudar o seu amigo Makombere a defrontar Gouveia, que era um inimigo mais fraco. Venceram muitas batalhas juntos, foi derramado, tal como ainda o ano passado o foi, sangue zimbabweano junto a sangue moçambicano.

A aliança militar feita no início deste século contra os portugueses foi derrotada. A ela seguiram-se novas tentativas até que no início da década de 70, começaram a crescer as raízes mais fortes e vigorosas desta árvore da solidariedade Moçambique-Zimbabwe.

Quando o avião da LAM que transportava o Presidente Samora Machel estacionou na placa do aeroporto de Salisbúria, no dia 4 deste mês, havia grande agitação em todos quantos ali estavam a aguardá-lo. Para zimbabweanos e moçambicanos era como que uma espécie de nova conquista, um avanço, um marco histórico que se criou e desenhou durante vários anos.

O Presidente Banana e o Primeiro-Ministro Mugaabe conversam animadamente junto às escadas do avião. Os Ministros do Governo comentavam entre si histórias de quando viviam em Maputo, encontros que tiveram com o Presidente Samora em momentos decisivos da Luta. O cordão formado por elementos da polícia abanava-se, como se fosse uma corda de sisal com os empurrões dos milhares de zimbabweanos que queriam ver mais de perto o Presidente Samora. Depois, o Presidente da República Popular de

# as raízes da unidade



# as raízes da unidade

Moçambique apareceu à porta do avião e então tudo se passou em fracções de segundo: o cordão humano da polícia desfez-se pois, mesmo entre estes, houve os que também queriam ver o líder moçambicano mais de perto. E, desde então tudo quanto se pode dizer que se passou naquele aeroporto resume-se a duas palavras: alegria e emoção.

A visita era aguardada desde há muito tempo. Primeiro, criou-se a expectativa de que o Presidente Samora viria assistir às festas da proclamação da Independência. Depois quando o povo se certificou que o Presidente não tinha vindo assistir a esse momento, criou-se um novo rumor segundo o qual o Presidente viria em visita oficial ao Zimbabwe por altura do 1.º de Maio.

Como nem uma nem outra coisa aconteceram, as pessoas começaram a fabricar as mais diferentes histórias. Uns diziam que o líder moçambicano não tinha vindo assistir à Independência porque o povo não o poderia ver bem, nem ele poderia falar ao povo. Outros, os mais cépticos, afirmavam que «Moçambique ainda não reconheceu a Independência de Zimbabwe até ver que não há mesmo guerra» e, que só depois disso é que o Presidente Samora viria. As histórias variavam e, segundo soubemos, em certos casos as discussões em volta deste tema acabaram por provocar brigas entre as pessoas.

A causa para tal preocupação tinha as suas justificações. De um lado, o regresso dos líderes que nos últimos anos viveram em Moçambique, de outro a presença por todo o país dos guerrilheiros que vinham de Moçambique com as armas para libertar o povo e, finalmente, a influência dos mais de cem mil refugiados que desde Janeiro desse ano regressaram de Moçambique às suas terras natais em Zimbabwe.

As pessoas falavam, discutiam. «Em Moçambique a vida é assim», «em Moçambique vive-se bem», «tudo o que os jornais aqui diziam era mentira», «o Presidente Samora fala muito ao povo» e

imitavam os longos vivas do nosso dirigente. Depois, quando a semana de Solidariedade Moçambique-Zimbabwe foi organizada por altura do aniversário da nossa Independência, as pessoas viram que a cultura, as danças, as canções, os coros, tinham as mesmas origens, havia xigubo do lado de Moçambique, havia marimbas.

Por tudo isto, as pessoas queriam ver o Presidente Samora em pessoa. Queriam através desse acto abraçar definitivamente o Povo moçambicano, queriam comprovar que era verdade, que era



F.P.L.M.



ZANLA



# as raízes da unidade

de Moçambique que tinha vindo o vento forte da libertação.

Tudo começou em 1970 na nossa província de Tete quando os primeiros guerrilheiros zimbabueanos se dispuseram a juntar-se aos guerrilheiros das FPLM para depois virem combater no seu país. Tete era então uma província onde os rodesianos actuavam a sul do Zambeze com inteiro apoio dos portugueses.

Foi nos princípios de 1971, que o primeiro grupo de guerrilha das ZANLA atravessou o rio Zambeze. Na quarta região da FRELIMO em Tete eles iniciaram o treino da experiência de combate com as FPLM em confrontação directa com os rodesianos. Ao mesmo tempo, pequenos grupos infiltraram-se na Rodésia para ali fazerem reconhecimento de zonas favoráveis a bases, fazerem os primeiros contactos com a população, estudarem como iniciar a guerra.

Inicialmente os guerrilheiros das ZANLA eram acompanhados pelos das FPLM nas suas missões no interior da Rodésia. Depois, na retaguarda, participaram em combates e finalmente, em 21 de Dezembro de 1972 lançaram o primeiro ataque formal contra o exército rodesiano.

De Chifombo, uma base da FRELIMO na Zâmbia, para as bases no interior de Tete e destas para o interior do Zimbabwe, quem carregava o material era a população moçambicana. O comandante Tongogara, falecido em Moçambique no ano passado, disse-me por várias vezes que «foi com a população de Tete que eu aprendi o verdadeiro significado da palavra Solidariedade». Ele dizia que «eram pessoas que por vezes não comiam, marchavam noites e noites sem calçado carregan-

do material de guerra que não lhes servia directamente. Davam-nos comida, água e as suas camas, quando regressávamos do interior do Zimbabwe».

Tal como acontecia com o grande Comandante Tongogara, o mesmo era feito para outras centenas de guerrilheiros. Libertar o Zimbabwe tornou-se então, parte da tarefa de libertar Moçambique e não é invulgar encontrar-se entre os guerrilheiros das ZANLA moçambicanos de Tete, ou Manica, ou Gaza. Tornou-se uma espécie de obrigação voluntária.

Com a libertação final de Moçambique e a proclamação da nossa Independência em 25 de Junho de 1975 os zimbabueanos criaram novas expectativas em relação ao avanço e possibilidades de sucesso da sua Luta Armada.

Em fins de 1974 por exemplo, um grupo de jovens do Destacamento Feminino das ZANLA treinava em Nachingwea juntamente com os primeiros soldados do exército regular moçambicano. Depois disso, e com Moçambique ainda nos primeiros meses de Independência, os zimbabueanos começaram-se a preparar para estender as suas actividades militares em Zimbabwe a partir de mais duas províncias do nosso país: Manica e Gaza.

Operando a partir de Tete, Manica e Gaza e aumentando enormemente os seus efectivos humanos e materiais, os zimbabueanos rapidamente obrigaram o exército rodesiano e o regime racista de Ian Smith a procurar novas soluções, mas agora soluções políticas, para o problema rodesiano.

Finalmente e quando a intensidade da guerra em Zimbabwe crescia de forma imparável o Governo moçambicano decidiu contribuir directamente para a libertação do Zimbabwe. É quando desde os primeiros meses de 1978 soldados internacionalistas das FPLM, muitos dos quais haviam participado nos primeiros combates em Cabo Delgado em 1964/65, começam a penetrar no interior do Zimbabwe.

A este respeito disse-me um dos chefes da inteligência rodesiana

em Chiredzi que «começámos logo a notar a presença dos soldados da FRELIMO. A qualidade dos ataques e das armas utilizadas alterou-se e começou a haver mais diversidade nos alvos destruídos».

Ao sangue misturado em Moçambique na confrontação com os rodesianos, juntou-se o sangue derramado em Zimbabwe pelos internacionalistas. Rapidamente porém, as potências ocidentais aperceberam-se que se aproximava velozmente a derrocada militar do regime de Muzorewa-Smith. E, Lancaster House é produzida exactamente para evitar que tal venha a suceder.

A vitória eleitoral da ZANU (FP) nas eleições realizadas no início deste ano em Zimbabwe veio premiar, primeiro de tudo, aqueles que fizeram a Luta Armada. Mas, ao mesmo tempo, essa vitória premiou igualmente o esforço conjunto, a amizade e solidariedade edificadas pelo sangue misturado de zimbabueanos e moçambicanos, premiou os sacrifícios dos dirigentes e soldados que conjuntamente decidiram colocar as suas inteligências e forças ao dispor da conquista de uma liberdade comum a Moçambique e Zimbabwe.

«Os camaradas de Moçambique» como nos chamam muitos zimbabueanos que nunca atravessaram a fronteira entre os dois países, são gente respeitada em Zimbabwe independente. É um respeito que merecemos, mas que temos de respeitar também. Respeitar aqueles que acabaram com as agressões ao nosso país como claramente o definiu o Presidente Samora quando agradeceu em Zimbabwe ao povo que se libertou, mas que também nos libertou.

Este agradecimento, esta homenagem prestada pelo Presidente Samora aos dirigentes e ao Povo do Zimbabwe é um reflexo dessa longa história que liga os nossos dois países. Foi um momento grande para os dois povos e países, foi o momento da festa da alegria de festejar a colheita dos frutos da liberdade.



# como os outros viram a visita

Um velho lobo das redacções americanas, e outras, dizia-me no aeroporto de Salisbúria, pouco antes de o Presidente Samora partir de regresso a Maputo, que o Chefe de Estado moçambicano tinha conseguido no Zimbabwe tudo a que um Presidente pode aspirar numa visita de Estado a um país africano: reduzir as tensões entre tribos e raças diferentes e contribuir para o aumento do prestígio interno do governo que se apoiou. Não vi se isto foi escrito em editorial aí pelas capitais do mundo mas essa opinião, por outras palavras, vários jornalistas estrangeiros me deram no toma-lá-dá-cá das conversas de despedida.

Quando cheguei a Maputo espalhei uns jornais pela mesa, mandei uns telexes inquisitivos a uns amigos lá fora, revi memó-

rias ainda frescas e dispus-me a escrever meia dúzia de linhas sobre como a informação estrangeira viu a visita do Presidente Samora Machel ao Zimbabwe.

Primeiro, no Zimbabwe.

A Televisão, que tem uma política editorial favorável ao governo, deu grande destaque à visita, trazendo para primeiro plano a figura do Presidente, o caloroso acolhimento popular, as passagens mais significativas dos discursos nos resumos noticiosos. Uns dias antes da visita se iniciar já a televisão a anunciava de hora a hora com projecções de fotografias de Samora Machel e Robert Mugabe tiradas em Moçambique. Depois, a propósito da remoção da estátua de Cecil Rhodes da Jameson Avenue quando ela passou a chamar-se Samora Machel Avenue, a Televisão fez

um pequeno inquérito de rua que trouxe à superfície opiniões opostas como o absolutamente concordante contra o absolutamente discordante. E no dia da chegada os operadores que estavam em terra puderam filmar uma cena que penso ser inédita numa viagem de Samora Machel: dois outros operadores de câmara da TV zimbabweana, que tinham viajado de Maputo no avião presidencial, desciam as escadas do avião da L.A.M., atrás do Chefe de Estado moçambicano filmando cada movimento até ao abraço de Robert Mugabe e Canaan Banana já na placa do aeroporto.

A Rádio, tal como a TV, deu idêntico destaque, com a particularidade de ter transmitido em directo os discursos de Samora Machel em Bulawayo e Salisbúria.

TRAVEL GOODS

Gifts — all sizes, styles, colors, prices — all yours. Selections, gifts, gifts, gifts, gifts, gifts — all yours. The price.

**Maceys**

ALL BRANCHES

FIND YOUR OWN GREEN STAMP

## The Herald

Incorporating The Nation

SALISBURY, FRIDAY, AUGUST 5, 1977

PRICE 30c

Published by the Zimbabwe Newsprinters' Association

IMPORTED PRESSURE STOVES \$14.95

Free installation of all

**Maceys**

1000 TOWN CENTRE, GLEN STAMP

### TIME TO GET DOWN TO WORK—MACHEL



**THE PRIME MINISTER, Mr. Mugabe, hands President Machel one of the many gifts he received at yesterday's rally at Rufaro Stadium.**



**PAY KEY TO FREE**

### BAIL FOR TEKERE REFUSED BY JUDGE

A BAIL application by Tekere Mafema, a member of the Rhodesian Front, was refused by the High Court yesterday.

**TEKERE MAFEMA**

The High Court yesterday refused bail for Tekere Mafema, a member of the Rhodesian Front, who was charged with the murder of a police officer.



Quanto ao principal jornal do país, o «HERALD», propriedade de uma companhia sul-africana, não se pode dizer que tenha sido hostil à presença do Presidente Samora no Zimbabwe mas foi com certa frieza que os artigos passaram do papel do repórter para o papel do jornal. De registar, por exemplo, que o «HERALD» não publicou nem uma fotografia do Presidente emoldurado pelo Povo, preferindo as fotos mais protocolares dos banquetes intercaladas por instantâneos mais alegres tais como o Presidente a receber uma oferta ou a presenciar a actuação de um grupo de dança. Registei também o facto de, ao longo dos cinco dias, a mensagem marcadamente antiribalista e anti-racista de Samora Machel ter sido passada um pouco para segundo plano. Em suma, a técnica da distanciação, aplicada numa tentativa subtil de não parecer «contra».

Em Maputo sentei-me à máquina de telex e disquei um número de Joanesburgo. «Alô M. estou bem, não sei por aí, olha lá, aí na África do Sul como é que os jornais falaram da visita do Presidente Samora Machel ao Zimbabwe, e se tiveres informações dos Estados Unidos também agradeço».

O meu amigo M. é um bom profissional e no dia seguinte estava-me a mandar um resumo do que eu lhe pedira. Dizia ele que os jornais sul-africanos não puxaram o acontecimento para as colunas editoriais mas deram grande destaque noticioso numa cobertura «favorável, de uma maneira geral». O correspondente do «Rand Daily Mail» em Salisbúria classificou a visita de «histórica» e teceu louvores ao apelo do Presidente Samora Machel à unidade nacional.

Por sua vez o «Johannesburg Post», principal jornal distribuído entre a população negra suburbana, aproveitou a visita ao Zimbabwe para publicar um trabalho de fundo sobre os esforços que Moçambique faz para ultrapassar os problemas herdados do passado colonial.

Quanto aos jornais de língua afrikaans, de uma maneira geral pró-governamentais, a sua cobertura do acontecimento foi essencialmente noticiosa.

Mas o M. tinha mais. Dizia ele: «De Nova Iorque dizem que a visita apareceu noticiada e descrita em vários jornais americanos o que é significativo porque nesta altura os assuntos que lá são notícias são a preparação da Convenção do Partido Democrata e o ciclone Allen».

Agosto já vai no fim e as páginas dos jornais passam como ponteiros de relógio. Fica esse imenso jornal que passa de boca em boca, de ouvido em ouvido, por estradas e picadas quando as histórias simples, as histórias exageradas, as histórias mistificadas, as histórias do povo, são histórias de uma verdade de fundo. Se o Povo zimbabweano fosse caneta, então sim, teríamos uma reportagem completa da visita.

---

## INTERESSANTE

**Em Joanesburgo alguns saudosistas costumam «explicar» a situação na África Austral da seguinte maneira. Escrevem num papel a palavra SAMORA. Desenham um círculo em torno das letras MO e dizem: «Primeiro, Moçambique». Outro círculo em volta do A: «Depois, Angola». Mais um círculo para o R: «Depois, a Rodésia». E então perguntam catedraticamente: «O que é que resta?». Um círculo em volta das letras SA dá a resposta: «South Africa».**

**Interessante esta aritmética simplista.**